

**EXPERIÊNCIAS DE “SORORIDADE”
NUM MUNDO GLOBALIZADO**

BOLETÍN UISG

NÚMERO 171, 2020

APRESENTAÇÃO	2
EXPERIÊNCIA DE MIGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO DE MENORES ESTRANGEIROS NÃO ACOMPANHADOS. <i>Dra. Angela Rinaldi</i>	4
IMAGINANDO LIDERANÇA NUMA COMUNIDADE GLOBAL <i>Ir. Patricia Murray, IBVM</i>	24
IRMÃS EM COMUNHÃO SORORAL NO E PARA O MUNDO NO SÉCULO XXI <i>Ir. Anna Sanchez Boira, MHSFN</i>	38
A VIDA DA UISG	48
PESSOAL DA UISG	52

Nesta edição do Boletim, quisemos abordar mais de perto um aspecto dramático do fenômeno da migração forçada do nosso tempo: *o cuidado de menores estrangeiros não acompanhados*.

A Igreja e a Vida Consagrada estão na vanguarda da *Proteção de menores e adultos vulneráveis*. O atendimento a *menores estrangeiros desacompanhados* se insere nesse quadro mais amplo e é um fenômeno muito atual. Acreditamos que é muito importante conhecer e entender esse fenômeno, partindo das causas que o determinam e considerando as diferentes perspectivas pelas quais ele pode ser estudado e abordado.

Como mulheres, temos um instinto natural para a proteção dos menores, e, como consagradas, somos chamadas a viver nossa vida como “*a presença da caridade de Cristo no meio da humanidade*”, para semear esperança e levar nova vida nos contextos de pobreza e marginalização que o nosso mundo globalizado nos coloca diante de nossos olhos.

Como mulheres consagradas, portanto, temos muito a oferecer a essa humanidade sofredora e fazemos juntas, criando “*sororidade*”, formando redes de comunhão e colaboração que nos darão energia e força, e nos protegerão da tentação de ficar longe das feridas de Cristo: “*Às vezes sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor. Mas Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contato com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura. Quando o fazemos, a vida complica-se sempre maravilhosamente e vivemos a intensa experiência de ser povo, a experiência de pertencer a um povo.* EG, 270

Dra. Angela Rinaldi

Experiência de migração e desenvolvimento humano de menores estrangeiros não acompanhados.

Em termos de desenvolvimento humano, a migração de *menores não acompanhados* pode ser definida como um processo educacional profundo. Uma consciência real disso pode levar as pessoas que estão lidando com esse fenômeno a entender a totalidade do processo de desenvolvimento infantil. Esta é uma verdadeira “transição de menos condições humanas para mais condições humanas”, como afirma Paulo VI. A migração representa esse “movimento” de menos condições humanas para condições mais humanas nos níveis físico, psicológico e social. Esse conceito de desenvolvimento tem um forte impacto na pessoa e em todas as áreas da estrutura

social, a ponto de os atores sociais, livres da mentalidade de “bode expiatório”, poderem contribuir para o desenvolvimento de si mesmos e da sociedade em que eles vivem.

Ir. Patricia Murray, IBVM

Imaginando liderança numa Comunidade Global

Nossas comunidades e congregações são pontos nodais de uma tela muito maior de dinâmica cultural, histórica e econômica. O que acontece em uma parte do mundo, ou em uma congregação ou em uma parte da congregação, reflete o todo e fala em nome do todo. Com essa perspectiva global, começamos a perceber que a “diversidade luxuosa” da vida religiosa e nossa conectividade em todo o mundo podem causar um impacto significativo. As redes e projetos intercongregacionais que estão surgindo hoje falam profeticamente da unicidade da humanidade. Muitas vezes, no Sudão do Sul, a população local - embora muito grata pelas muitas maneiras pelas quais suas necessidades eram atendidas - pergunta repetidamente aos religiosos que vivem entre eles “como vocês, de tantas tribos diferentes, vivem junto?” É por isso que é importante trabalhar em conjunto e com outras pessoas para aprender a viver interculturalmente, enfrentar o preconceito e o racismo e nossas atitudes e comportamentos etnocêntricos.

Ir. Anna Sanchez Boira, MHSFN

Irmãs em comunhão fraterna no e para o mundo no século XXI

A comunhão *sororal* na Vida Religiosa apostólica feminina é um sinal profético. Os carismas em comunhão são expressão da riqueza do Evangelho, do mistério de Cristo que cada Instituto é chamado a difundir pela graça do Espírito. Deus conosco e através de nós evangeliza. Aqui está o desafio da vida apostólica: viver no mundo como irmãs e irmãos e, em comunhão de carismas, anunciar o Evangelho e fazê-lo acreditável em nosso tempo.

EXPERIÊNCIA DE MIGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO DE MENORES ESTRANGEIROS NÃO ACOMPANHADOS. A TEORIA MIMÉTICA DE RENÉ GIRARD COMO PERSPECTIVA DE OBSERVAÇÃO DO FENÔMENO

Dra. Angela Rinaldi

A Dra. Angela Rinaldi é a autora do livro Dalla parte dei piccoli. A Igreja e o abuso sexual, publicado por “la meridiana” (2018). Recebeu o Doutorado em “Doutrina Social da Igreja e Ética Pública” na Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, com a tese “Menores estrangeiros não acompanhados na Itália. Cooperação subsidiária e proteção da pessoa humana”. Em 2016, ela obteve a Licença em “Ética Pública” na mesma universidade.

Em 2014, obteve o mestrado em “Ciências do Desenvolvimento e Cooperação Internacional” na Universidade “La Sapienza”, de Roma.

Desde 2013, ele colabora com o Centro de Proteção à Criança (CCP), na Gregoriana, como Assistente de Pesquisa e Responsável pelo gerenciamento da plataforma de aprendizado on-line do CCP.

Original em Italiano

1. Introdução

O tema sobre *menores não acompanhados* (daqui em diante também *menores sozinhos* ou MSNA) é um aspecto muito interessante do fenômeno da migração forçada do nosso tempo. São menores que migram sozinhos sem ter outros adultos como referência e que vêm de vários países trazendo consigo histórias diferentes e muito complexas: decidem emigrar por causa de guerras, pobreza, discriminação e violência e desejam integrar países avançados na esperança de construir um futuro melhor para si.

Para introduzir o fenômeno, pode ser útil relatar os passos de alguns documentos da ONU sobre *menores estrangeiros não acompanhados*.

A primeira é a *Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança e do Adolescente*, que no preâmbulo afirma que “para fins do desenvolvimento harmonioso e completo de sua personalidade, a criança deve crescer num

ambiente familiar, numa atmosfera de felicidade, amor e entendimento [...] é necessário preparar totalmente a criança para ter uma vida individual na sociedade e educá-la no espírito dos ideais proclamados na Carta das Nações Unidas, em particular no espírito de paz, dignidade, tolerância, liberdade, igualdade e solidariedade [...]¹ “.

As Nações Unidas, baseadas nisso, no *Comentário Geral nº 6 de 2005, sobre o tratamento de menores separados e não acompanhados fora de seu país de origem, também oferecem uma definição oficial de menor não acompanhado*: é um “menor [...] separado dos próprios pais e de outros parentes, que não está sob a proteção de nenhum adulto que, por lei ou costume, esteja encarregado dele”².

Portanto, os assuntos com os quais lidamos são os menores, vulneráveis por causa de suas condições de vida, tanto em seus próprios países de origem quanto no curso de seu processo de migração: eles migram sozinhos ou em conjunto com adultos que podem ser violentos e tirar proveito de sua vulnerabilidade e solidão.

Além disso, dado que a Comunidade internacional reconhece a importância de proteger menores e de *menores sozinhos*, também poderíamos destacar alguns princípios éticos e práticos expressos pelas Nações Unidas no *Comentário Geral nº 6*: as obrigações legais para os Estados Partes, o princípio da não discriminação, o **princípio da não repulsão**³, o direito das crianças de expressar livremente sua visão, o direito à vida, à sobrevivência e ao desenvolvimento.

Todos esses princípios podem ser resumidos, por assim dizer, no princípio do *melhor interesse* ou no *interesse superior* do menor, expresso no artigo 3 da *Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança e do Adolescente*:

Em todas as decisões relativas a crianças, que são de responsabilidade de instituições de assistência social públicas ou privadas, tribunais, autoridades administrativas ou órgãos legislativos, o melhor interesse da criança deve ser uma consideração primária. Os Estados Partes comprometem-se a fornecer à criança a proteção e os cuidados necessários ao seu bem-estar [...]⁴.

Nesse ponto, dada sua importância ética e social, esse fenômeno deve ser estudado sob diferentes perspectivas, a fim de contribuir para enriquecer o diálogo científico e oferecer novos elementos de reflexão para quem lida com essas questões em diferentes países para uma ação finalmente livre de todas as formas de violência.

Dado o peso político desse fenômeno, poderia ser útil focar aspectos e controvérsias dessa natureza. No entanto, os objetivos deste artigo concentram-se na possibilidade de propor um breve estudo científico do fenômeno das MSNA que utiliza, entre outras coisas, o uso da teoria mimética de René Girard para fins de observação e sugerindo uma análise enriquecida por alguns princípios éticos fundamentais que serão discutidos mais adiante.

Entre as várias perspectivas de observação, nesse caso, a teoria mimética de René Girard pode ser válida, embora tenha sido e seja objeto de críticas de

diferentes estudiosos, que aqui não serão questionados para que seja possível responder aos objetivos de observação acima mencionados do fenômeno: a proposta é encontrar um elo entre alguns aspectos da teoria de Girard, também destacados por Michael Kirwan, e as etapas do processo migratório dos MSNA.

Além disso, mantendo-se focado no princípio do “direito à vida, à sobrevivência e ao desenvolvimento”, que expressa o princípio da dignidade humana em termos práticos, podemos dizer que a migração *para menores sozinhos* assume grande importância como processo educacional humano, do qual é necessário considerar a integralidade e a complexidade.

Portanto, pode-se prosseguir no trabalho tendo em vista o princípio da dignidade humana, com referência à experiência migratória das MSNA, considerando tão intimamente ligado a esse discurso o desenvolvimento humano da pessoa nos termos utilizados pelo ensino social da Igreja, especialmente na encíclica de Paulo VI, *Populorum progressio*. Além disso, o uso da teoria mimética de Girard poderia ser enriquecido lembrando o princípio da integralidade do desenvolvimento humano como um suporte ético ao presente estudo, juntamente com algumas teorias das ciências sociais capazes de oferecer elementos importantes para melhor compreender o processo do desenvolvimento de menores.

2. Menores não acompanhados e desejo mimético (Mimetic Desire)

Para uma boa compreensão do fenômeno dos *menores não acompanhados*, deve-se concentrar, antes de tudo, nas causas de sua migração e analisá-las em relação a um primeiro componente da teoria de Girard: *desejo mimético*, abordado no trabalho *Violence and Sacred*. (Violência e Sagrado)

Na origem do processo de migração, existem os chamados fatores de empurrar e puxar (*push and pull factors*). Os primeiros levam os migrantes a deixar seus países e suas famílias: guerras, conflitos, pobreza, discriminação, desconstrução social. Os segundos fazem do país de destino o “pólo de atração”; por exemplo, os MSNA que chegaram ao “continente rico” podem contribuir para a saída de outras pessoas, enviando *feedback* positivo sobre a “vida melhor” que levam - e, em alguns casos, acreditam que levam - para o novo país⁵.

Essa teoria dos fatores push and pull se originou na década de 1960, quando Everett Lee construiu sua *Teoria da migração*, na qual, quatro tipos de fatores devem ser considerados no estudo das causas da migração: os fatores associados às áreas de origem, fatores relacionados às áreas de destino, possíveis obstáculos e fatores pessoais. Tudo isso age de maneira diferente de pessoa para pessoa, pois todos podem ter reações diferentes em diferentes situações⁶.

Observando as migrações européias, os MSNA que chegam à Europa passam pela Itália, ilha de Malta, Grécia e Espanha e provêm principalmente de países africanos, da Europa Oriental e do Oriente Médio, como Egito, Nigéria, Albânia e Afeganistão, motivados por diferentes razões.

a) As crianças egípcias partem para a Europa por causa de conflitos e pobreza. Em 2010-2011, o Egito experimentou a “Primavera Árabe”, que levou a uma grave instabilidade social, política e econômica, agravada por restrições à liberdade de expressão do pensamento e de associação, detenções arbitrárias, crise econômica e pobreza⁷. Tudo isso causou uma alta taxa de abandono escolar, bem como um grande número de crianças egípcias que viajam para a Europa com o objetivo de encontrar um emprego através do qual possam fornecer a ajuda necessária às famílias deixadas em casa.

b) Os menores nigerianos são principalmente mulheres - meninas e mulheres jovens - que na maioria dos casos são vítimas de tráfico de pessoas. Nos últimos anos, a Nigéria passou por uma profunda crise econômica, acompanhada de uma crise humanitária, forte insegurança alimentar e altas taxas de mortalidade. Os *menores não acompanhados* nigerianos são provenientes das áreas mais rurais do país, são quase analfabetos e sofrem vários abusos e violências por parte de seus exploradores, que geralmente são membros de suas próprias famílias⁸.

c) Os MSNA da Albânia partem por causa da desconstrução social e insegurança política e econômica em que vivem em seu país. Segundo a *Anistia Internacional*, as medidas tomadas para proteger mulheres e meninas que sofrem violência na família são insuficientes: muitas são vítimas de tráfico de prostituição e “muitos menores desacompanhados e famílias com crianças são detidos em centros de detenção para migrantes irregulares e terão que ser deportados⁹”.

d) Os menores afegãos são vítimas de terrorismo, guerra, discriminação e altos índices de desnutrição, além de um nível muito baixo de educação e seguridade social. Por essas razões, muitas famílias afegãs dão juntas o primeiro passo migratório para países vizinhos como o Paquistão, onde a discriminação ainda é muito dura. Por exemplo, no Paquistão, as crianças afegãs não podem ter acesso a níveis mais altos de educação devido à sua etnia e, portanto, são forçadas a emigrar para a Europa - especialmente para Inglaterra, Alemanha, Bélgica e países escandinavos - onde já residem grupos de compatriotas, o que pode ser de grande ajuda para a integração de menores e para o acesso à educação sem discriminação¹⁰.

Outra parte do mundo afetada por movimentos de *menores não acompanhados* é o continente americano. Menores de alguns países da América Central tentam entrar nos Estados Unidos atravessando a fronteira com o México. Estes incluem El Salvador, Honduras e Guatemala.

a) Os menores de El Salvador fogem de um ambiente muito violento, onde a taxa de homicídios é a mais alta do mundo e o crime organizado é muito forte. Em muitos casos, eles não conseguem finalizar sua jornada porque são enviados de volta do México ou para a fronteira com os EUA. Muitos meninos deixam as quadrilhas de criminosos em fuga e esperam ter acesso a estudos nos Estados Unidos¹¹.

b) Os MSNA de Honduras são forçadas a sair por causa dos altos índices de violência, especialmente as quadrilhas do crime organizado e as forças de segurança em contextos eleitorais. Devido a essa pobreza desenfreada, as crianças partem - sozinhas ou com famílias - para o México e os Estados Unidos, procurando um futuro melhor¹².

c) as crianças guatemaltecas também deixam seu país devido aos altos índices de violência, desigualdade social e corrupção. Segundo a Anistia Internacional, entre 2017 e 2018, o grupo de MSNA da Guatemala foi o mais numeroso dos rejeitados na fronteira com os EUA¹³.

Um problema que os guatemaltecos compartilham com os outros grupos da América Central mencionados acima é a falta de regulamentos e boas práticas de repatriamento. Muitas vezes, os menores *sozinhos* na fronteira com os Estados Unidos são detidos ou repatriados à força sem qualquer assistência na viagem de retorno e reintegração em seu país de origem.

Essas práticas diferem daquelas previstas pela União Europeia: pelo menos no papel, ao longo dos anos, a UE regulamentou a chamada *Repatriação Assistida Voluntária*, implementada após investigações familiares aprofundadas, que mostram a possibilidade de a criança se reunir com a família, bem como ser assistida no processo de reintegração no país de origem.

Além disso, na parte americana, como em alguns estados do continente europeu, a obrigação de não deter menores não é respeitada. De acordo com um comunicado da UNICEF, em 2015 “cerca de 35.000 crianças - mais da metade não acompanhadas - foram mantidas em centros de detenção no México e nos EUA¹⁴”. A UNICEF declara que em 2014 os Estados Unidos implementaram políticas de detenção de migrantes, incluindo mulheres e crianças de fato detidas por vários meses em centros especialmente criados, aumentando os riscos de violência, estupro e maus-tratos a crianças e jovens. Para os menores, também existem centros e procedimentos para solicitar asilo. No entanto, essas etapas são muito longas e não garantem aos menores, especialmente os que vivem sozinhos, uma recepção positiva voltada para uma verdadeira integração no país anfitrião, aumentando neste caso também os riscos de serem expulsos dos centros e de serem vítimas de abuso e violência¹⁵.

Além disso, nos casos em que é permitido que os MSNA tomem parte num processo legal que lhes permita fazer valer as suas reivindicações, nem sempre há a possibilidade de que eles possam ser representados por um advogado. Existem advogados e especialistas que oferecem consultas *pro bono*, mas sem uma representação real no tribunal as chances de escapar à deportação são muito pequenas¹⁶. De fato, o sistema americano está saturado a ponto de as crianças serem obrigadas a esperar anos antes de comparecerem perante um juiz. Nesse período, de acordo com as leis americanas, muitos deles não podem ter acesso garantido à saúde, serviços públicos e educação¹⁷.

Após essa breve digressão sobre as situações particulares dos países de

origem, podemos nos perguntar: como é possível explicar o *desejo mimético* dos MSNA? Segundo a teoria de Girard, o *desejo mimético* é algo que nasce como uma imitação mais ou menos inconsciente do desejo do outro, por sua vez, tomado como modelo e como mediador entre a pessoa e a coisa desejada. Podemos dizer que o *menor desacompanhado* inicia seu próprio processo de migração imitando - inicialmente de maneira inconsciente - seus compatriotas ou colegas que já foram embora, que comunicaram que encontraram tudo o que procuravam no novo país. Portanto, sem julgar qualitativamente a imitação - que para Girard não é positiva nem negativa -, mas considerando o que os MSNA imitam ou não imitam, podemos observar uma “imitação positiva” devido à opção de imitar os compatriotas que perseguem o muito desejado de melhores condições de vida alcançadas por outros. Por exemplo, no caso de menores que fogem da guerra e do terrorismo, pode-se ver uma “imitação positiva” dos MSNA em busca de possibilidades de sobrevivência favoráveis, que a *Convenção sobre os direitos da criança e do adolescente* assume como um direito fundamental dos menores. Se olharmos para os menores *sozinhos* que migram por razões econômicas, podemos ver seu grande compromisso em imitar os pais, que deram aos filhos o peso e a responsabilidade de cuidar de suas famílias. Assim, os MSNA chegam ao continente rico - Europa ou América do Norte - e começam a trabalhar mesmo sob exploração, a fim de poder enviar o dinheiro para as famílias deixadas no país de origem.

Outro tipo de imitação existe entre as vítimas do tráfico e ocorre devido ao fato de que, infelizmente, muitas vezes meninos e meninas viajando sozinhos têm seu explorador como seu único “ponto de referência”. No caso da exploração de meninas nigerianas, algumas vítimas de prostituição mais adultas exploram as “novas vítimas” para ganhar mais dinheiro e perdoar sua dívida com o explorador em menos tempo. De fato, eles aprendem a se tornar exploradores imitando traficantes.

Dois tipos de “imitação negativa” também devem ser destacados: o primeiro diz respeito ao processo de integração no país de destino. De fato, quando os sistemas provam ser funcionais e capazes de garantir o respeito aos direitos dos menores, os MSNA decidem respeitar as regras - por exemplo, sobre a obrigação de ir à escola e ter documentos regulares - e não imitar os compatriotas que aceitam se encaixar nos círculos de exploração para ganhar mais dinheiro em vez de frequentar a escola e se integrar à sociedade anfitriã.

A segunda é para os compatriotas que, permanecendo em casa, perdem a oportunidade de emigrar para um país mais rico. Observando a situação com mais profundidade, é possível ver a recusa de muitos MSNA em permanecer em seus próprios países; pode-se dizer que muitos deles não querem se adaptar aos sistemas errados da vida social e política, onde os direitos fundamentais não são respeitados em termos de segurança humana, familiar e social. Os menores decidem não imitar o sistema, ao contrário de outros - familiares, amigos e compatriotas - que acabam ficando em seu próprio país.

Pode ser interessante realizar um estudo empírico para descobrir se existem

e quais são as reais rivalidades entre as MSNA, entrevistando alguns deles sobre seus relacionamentos com compatriotas e amigos. No entanto, se é verdade que a questão dos *menores não acompanhados* afeta muitos países do mundo, pode ser útil focar aqui as pessoas mais comprometidas em explorar os menores que migram *sozinhos*: traficantes e todos aqueles que giram em torno do sistema de tráfico. Colaborações e rivalidades poderiam ser estudadas em profundidade, como as relações entre os atores que agem contra o bem-estar das crianças durante a migração e em sua chegada, como parte do processo educacional que os menores vivem no caminho do desenvolvimento humano.

Segundo dados fornecidos pelas Nações Unidas, em 2016, do número total de vítimas de tráfico de seres humanos, o percentual de vítimas infantis foi de cerca de 30% - 23% para meninas e 7% para meninos¹⁸. Além disso, existem diferentes formas de exploração às quais os menores estão sujeitos: é para fins de exploração sexual, é para fins de exploração do trabalho, tráfico para outros fins, como o tráfico de órgãos. Segundo as Nações Unidas, 72% das meninas são vítimas de tráfico para exploração sexual, 21% para trabalho forçado, 7% para outros fins; 27% dos meninos são vítimas de tráfico para fins de exploração sexual, 50% para fins de exploração do trabalho, 23% para outros fins (2016)¹⁹.

Além disso, para agravar a situação das crianças vítimas de tráfico há o fato de elas estarem frequentemente ligadas aos exploradores devido a relações e laços familiares: isso implica consequências desastrosas na vida e no desenvolvimento humano das crianças.

Por todas essas razões, é importante focar também nas identidades dos traficantes, para que possamos entender melhor o fenômeno de que estamos falando. *Save the Children*, in *Young Invisible Enslaved. Children Victims of Trafficking and Labour Exploitation in Italy* (Salve as crianças, em Jovens Invisíveis Escravizados. Crianças vítimas de tráfico e exploração de trabalho na Itália), mostra o “perfil do explorador Europeu”: dois em cada três são homens de 35 anos; 30% vem da Romênia, 29% da Nigéria, 16% da Albânia, 16% da Itália, 9% da Bulgária, Sérvia, China e Marrocos²⁰. Além disso, de acordo com a ONG, essa é uma “cadeia de produção” real que se desenvolve graças à existência de um grande número de clientes nos países europeus. As histórias de crianças vítimas de tráfico confirmam que cada pessoa tem seu próprio papel dentro dessa cadeia, que na verdade se torna um sistema real.

Por exemplo, a rede criminosa desenvolvida entre a Nigéria e a Itália está organizada em diferentes fases, caracterizadas pela presença de pessoas com um papel preciso no sistema:

1. “Recrutamento na Nigéria”: a figura central é a do “recrutador”, que na maioria das vezes pertence ao grupo de parentes da vítima e organiza os primeiros estágios da transferência para o Níger e a Líbia.
2. “Transporte na Líbia”: as chamadas *bogas* e *trolleyman*s vendem vítimas a criminosos de diferentes nacionalidades e as fecham em casas de triagem.

3. “A passagem de vítimas para *maman* da Líbia na Itália”: a *maman* compra vítimas em casas de triagem e organiza sua viagem para a Europa.
4. “Chegada à Itália”: os *controladores* e os *assessores* estão nos portos de descarga “informam os traficantes sobre a chegada das vítimas” e ensinam os a enganar os controles durante os processos de identificação.
5. “A interceptação pelos assessores nos centros de acolhimento”.
6. “O desejo de escapar das estruturas” para que as vítimas sejam invisíveis e não rastreáveis.
7. “A transferência para as cidades planejadas para exploração”²¹.

Pelo que foi afirmado até agora e como é possível ler nos vários relatórios oficiais das Nações Unidas, agências institucionais e das ONG, o sistema desenvolveu um tipo de negócio em que todos os atores têm um papel chave, fundamental para o sucesso das operações da exploração e sobrevivência de todo o sistema: podemos falar de *negros (black-men)*, facilitadores, passadores (*passeurs*), abusadores, traficantes e barqueiros. Por esses motivos, como parte de um negócio, os vários atores podem ser inimigos ou concorrentes entre si, com o objetivo de serem chamados a fazer parte de um elo cada vez mais importante na cadeia.

Tudo isso também pode dizer respeito aos próprios menores. Como afirmado anteriormente, as crianças vítimas de tráfico de seres humanos podem ter um papel na cadeia: “meninas exploradas nas ruas podem considerar a carreira de sua *mamam* na cadeia de exploração como uma possibilidade viável de independência econômica e de sucesso²²”. Dessa forma, aqueles que foram vítimas agora se tornam exploradores, reinvestindo o dinheiro ganho no *negócio (business)* criminoso: “eles se tornam *baby-maman* controlando [...] e gerenciando as meninas nas ruas em nome das mesmas organizações que as exploraram”²³.

A questão dos MSNA é de importância central, em nível social, cultural, político e econômico. O desafio é aprender mais sobre o fenômeno e estudá-lo com rigor científico e sem preconceitos.

3. O mecanismo do “bode expiatório”

O aprofundamento dos vários problemas relacionados a *menores não acompanhados* implica sempre novas oportunidades de discussão política na esfera pública, especialmente nos países de destino. Muitas vezes, a chegada de migrantes e sua acomodação nas estruturas são definidas como parte da “emergência”, de modo a levar a opinião pública e os círculos políticos a ver o fenômeno da migração não como uma oportunidade, mas como um problema verdadeiro e real. No entanto, em alguns países, a predominância de partidos políticos que incentivam o nacionalismo contribui para formar uma opinião pública desfavorável à presença de estrangeiros: há casos em que os cidadãos são levados a se sentir ameaçados por “grandes números falsos” de migrantes, que acabam sendo considerados injustamente destrutivos para o bem-estar social. De fato, os migrantes são frequentemente associados a doenças, sujeira, delinquência, crises no mercado de trabalho,

máfias. Por causa de toda essa dinâmica, a crença de que a presença ou ausência de migrantes está intimamente ligada à seguridade social de um país se espalha. A opinião pública e os candidatos a cargos políticos costumam alimentar o chamado discurso de ódio (*hate speech*), que infelizmente se mostra útil durante as campanhas eleitorais. Como mencionado anteriormente, a migração é um “problema político”, a ponto de muitas vezes as corridas para eleições se basearem nesses problemas e em quanto ou como afetam a construção da opinião pública.

Nesse ponto, podemos fazer uma pausa para observar o fenômeno, considerando a teoria mimética de Girard. De fato, um segundo componente dessa teoria é o *mecanismo de bode expiatório*: devido à rivalidade entre os atores devido aos recursos naturais limitados, como considerado acima em relação aos traficantes e exploradores de vítimas de tráfico de seres humanos, uma batalha de todos começa contra tudo o que ameaça a paz e a vida cotidiana da comunidade. Podemos observar também essa dinâmica no que diz respeito ao processo de formação da opinião pública em relação aos migrantes.

Muitos estudiosos aprofundaram a maneira como a opinião pública é construída. Pode ser “deformada” através de uma idéia distorcida do fenômeno migratório e “educada” nas mãos da retórica política. Nesse sentido, à luz dos recentes acontecimentos políticos na Europa e no continente americano, pode ser interessante e importante examinar em profundidade os atores e grupos políticos que contribuem para formar - ou distorcer - a opinião pública. No entanto, como mencionado acima, isso estaria além do escopo do presente trabalho.

Walter Lippmann estudou a dinâmica da criação e distorção da opinião pública a partir do fato de esta ter uma base cognitiva: os líderes da opinião pública julgam pessoas a partir de categorias pré-estabelecidas e de seus próprios interesses²⁴. Portanto, a opinião pública é “por um lado a consequência de representações ou esquemas mentais que as pessoas formam em relação à realidade social”²⁵ e, por outro lado, é caracterizada por representações distorcidas da realidade, estereótipos que impedem o processo de formar a própria opinião pública e de fato a distorce. De fato, muitas vezes os estrangeiros são vistos através de uma lente limitada do estereótipo destacada da realidade.

A idéia do migrante como bode expiatório poderia se desenvolver em conexão com questões de segurança nacional, abrigando a idéia de que menos migrantes correspondem a uma maior segurança. Estamos diante do que o Papa Francisco chama de “globalização da indiferença”, definida como o produto do individualismo atual: segundo ele, “nesse cenário, migrantes, refugiados, pessoas deslocadas e vítimas de tráfico tornaram-se o emblema de exclusão”²⁶.

Portanto, mesmo que os migrantes e menores migrantes não sejam responsáveis pela crise de segurança nacional, a opinião pública tende a vê-los como bodes expiatórios: uma vez fora da comunidade, a paz e a tranquilidade podem retornar: de acordo com a opinião pública, eles são os responsáveis por ameaçar a paz social, porque empobrecem o mercado de trabalho e roubam carteiras e recursos escolares dos cidadãos; são diferentes e estrangeiros e, para isso, devem ser

removidos da comunidade. Como afirma o Papa Francisco, “eles são frequentemente acusados de um julgamento negativo que os considera como causa de males sociais²⁷”.

As consequências dessa atitude são muito significativas. No nível social, não pode haver uma integração real e positiva de *menores não acompanhados*, que devem ser considerados como um recurso. Embora a opinião pública “pense” que se esses menores fossem removidos da comunidade, toda a situação social melhoraria, a realidade é diferente: é bom argumentar que os processos de integração de menores (e migrantes em geral) andam de mãos dadas com o desenvolvimento humano.

Além disso, como diz René Girard, há um elemento importante referente à nova “paz violenta”, alcançada quando alguém é excluído. É violenta porque é construída com base em mentiras sobre a culpa dos migrantes e porque, tanto física quanto sociopsicologicamente, sobrecarrega as crianças e as submete a mais vitimização. Os MSNA vêm sua *agência* destruída por causa dessa atitude da opinião pública: se menores não são aceitos socialmente, seu desenvolvimento humano fica comprometido.

Por meio do mecanismo de bode expiatório, a comunidade tende a se definir como “boa” em contraste com os migrantes, considerados “negativos” com base nas ideologias típicas do nacionalismo e do etnocentrismo, ou seja, dessa “atitude avaliativa [...] de acordo com a que os critérios, os princípios, os valores, as normas da cultura de um determinado grupo social, etnicamente relacionados, são considerados por seus membros como qualitativamente mais apropriados e humanamente autênticos do que os costumes de outros grupos”²⁸. Os rótulos afetam negativamente o desenvolvimento da identidade pessoal das crianças: quando são crianças, não têm um forte senso de *agência* humana, mas aprendem muito com as experiências da vida²⁹. Inicialmente, o processo de desenvolvimento de um menor é caracterizado por uma série de ações que não são necessariamente conscientes; subsequentemente, a própria pessoa “reconhece que pode fazer as coisas acontecerem e entende que é responsável por suas ações³⁰” a ponto de contribuir para o seu próprio desenvolvimento humano através de escolhas conscientes.

O movimento em direção ao desenvolvimento da identidade pessoal é consequente:

A identidade pessoal refere-se à auto-caracterização do que uma pessoa é. A continuidade da identidade pessoal reside mais nos fatores psicológicos e na continuidade da experiência do curso da vida de uma pessoa [...]. Como agente social, a pessoa [...] constrói a si mesma como uma pessoa contínua [...]. Através de seus objetivos, aspirações, compromisso social e planos de ação, projeta-se para o futuro [...]. A identidade pessoal está, portanto, enraizada não apenas na continuidade fenomenológica, mas também na continuidade da ação [...]. A identidade pessoal é parcialmente construída sobre a identidade social da pessoa, que também resulta da maneira como é tratada por outras pessoas consideradas importantes³¹.

Como bode expiatório responsável pela insegurança social, o menor *sozinho* vê sua agência neutralizada e seu processo de desenvolvimento como ator social prejudicado, a ponto de ser submetido a experiências que afetam negativamente seu desenvolvimento humano e às quais ele é claramente vulnerável: exploração, discriminação, violência.

O processo de integração não pode funcionar nessas condições e os MSNA são levados a viver isolados em termos sociais, psicológicos e humanos. Um garoto afegão contou sua história aos operadores que o ajudaram:

Eu fugi para o Irã [...]. A polícia começou a me perseguir [...], eu caí e fiquei inconsciente. Acordei em uma sala, pendurado pela mão [...]. Eles me deram o Alcorão e me disseram: “Se você aprender de cor, poderá sair primeiro. Você partirá para a Síria e defenderá os lugares sagrados dos terroristas “[...]. Eu capturei uma mulher atiradora e quando a entreguei aos sírios, eles a atingiram com uma escavadeira. Esse foi o ponto mais baixo [...]. Eu queria morrer um milhão de vezes. Quando eles me deram permissão para voltar ao Irã, fiquei lá por um mês, em transe, depois entrei para uma família que queria partir para a Europa [...]. Há muitas crianças no centro de recepção. Às vezes eles riem entre si, mas eu estou sempre à margem. Perdoem-me se não posso brincar. Eu simplesmente não posso fazer isso³².

Abaixo, também a experiência na Itália de uma menina nigeriana vítima de tráfico de seres humanos:

Depois de conhecer sua tia, Faith se recusou a entrar no circuito de prostituição. A tia estava furiosa. Ela não aceitaria uma recusa da Faith; ela bateu nela repetidamente, deixando-a por dias sem comida. Exausta e enfraquecida, Faith acabou na rua, sabendo que a única maneira de se salvar era escapar³³.

Nesse ponto, o escopo da violência psicossocial e física é claro e pode atingir níveis muito altos durante todo o processo de migração. Os menores são pessoas em desenvolvimento e, por essas razões, os vários processos de crescimento e construção de identidade são profundamente marcados. Os MSNA experimentam uma espécie de “desenvolvimento acelerado” - especialmente nos níveis humano e psicossocial - e são forçados a “crescer rápido demais”: eles carregam consigo uma vulnerabilidade física e social que não pode e não deve passar despercebida.

4. A “revelação” e o processo de migração

É possível afirmar que a opinião pública não mostra uma real consciência do “mecanismo de bode expiatório” ao qual os MSNA estão sujeitos durante seu processo de migração. Para Girard, esse estado emerge graças à Revelação Cristã, que nos permite direcionar nossa atenção para a perspectiva daqueles que são injustamente vitimizados, bem como para a cultura que advém desse paradigma. Uma conversão na *mentalidade* (*forma mentis*) geral permite o acesso a uma maior compreensão do fenômeno com a ajuda das ciências sociais, preparando um processo para tomar consciência da presença da espiral de violência que alimenta o mecanismo do bode expiatório.

Graças à contribuição de inúmeras teorias da psicologia e da sociologia - como as de Bronfenbrenner e Bandura às quais será feita referência - é possível observar e estudar o fenômeno da migração de menores e suas características, abandonando a mentalidade do bode expiatório e chegando a um conhecimento mais profundo, bem como à certeza de que o conceito de desenvolvimento humano diz respeito a toda a vida da pessoa.

Antes de tudo, devemos dizer que a *imitação* não é apenas um processo passivo, mas uma evolução ativa e profundamente humana e educacional. É um componente do processo de desenvolvimento humano de *menores não acompanhados*. Podemos explicar brevemente esse conceito, referindo-se à teoria da psicóloga Urie Bronfenbrenner, que apresenta uma abordagem holística afirmando que um indivíduo se desenvolve como uma entidade integrada e dinâmica que entra diretamente no relacionamento com o ambiente em que vive³⁴. Essa relação é recíproca: o indivíduo influencia o ambiente e vice-versa, e o próprio ambiente é composto de todas as interconexões entre os vários contextos.

Em geral, pode-se dizer que as estruturas sociais agem e influenciam a subjetividade da criança por meio de facilitadores e constritores³⁵, o que pode facilitar e dificultar o processo de construção da *agência* ou a capacidade humana de agir conscientemente na estrutura social em que o ser humano vive e no qual ele se torna um ator social.

No entanto, o sistema ecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner “é concebido em nível topológico como um conjunto aninhado de estruturas concêntricas contidas uma na outra. Essas estruturas são chamadas de micro, meso, exo e macrosistema”³⁶. Um microsistema é caracterizado por família, amizade e relacionamentos escolares; o mesossistema inclui os relacionamentos entre dois ou mais contextos em que a pessoa participa ativamente³⁷; um exossistema inclui os contextos nos quais os menores não estão diretamente envolvidos, mas nos quais os eventos influenciam os ambientes em que a criança tem um papel ativo; um macrosistema se refere a “coerências [...] que existem, ou poderiam existir, no nível da subcultura ou cultura em geral, juntamente com qualquer sistema de crenças ou ideologias que sublinha essas coerências”³⁸. Se os dois primeiros subsistemas estão diretamente conectados à vida social dos menores, os outros dois estão ligados às políticas implementadas e à cultura de um país em particular. Todos têm um forte impacto na vida do menor.

Considerando o estudo de Bronfenbrenner, pode-se observar que, enquanto as MSNA se movem entre diferentes espaços ecológicos, seus subsistemas estão sujeitos a profundas mudanças; Em primeiro lugar, o ambiente familiar do país de origem é associado ou substituído por outro “ambiente familiar” - componente do microsistema: o das instalações de recepção, onde existem pessoas capazes de cuidar de menores, psicólogos, profissionais, juristas, psicoterapeutas, mediadores linguísticos e culturais; amigos em países de origem e hospedados em outros países; o novo ambiente escolar frequentado no país de destino. Como consequência, o mesossistema também sofre alterações. Por meio da migração, e como convidados

em outro país com diferentes políticas e culturas, o exossistema e o macrosistema de um MSNA mudam radicalmente.

Além disso, Bronfenbrenner introduz o conceito de “transição ecológica”, que ocorre “sempre que a posição de uma pessoa no ambiente ecológico é alterada após uma mudança de papel e / ou ambiente³⁹”. A migração pode ser vista como um exemplo; como afirmado anteriormente, os MSNAs são forçadas a crescer mais rápido que o normal e entram em uma fase de seu desenvolvimento na qual não são mais crianças, mas também não são adultos. Eles crescem de uma maneira que poderíamos definir como “não natural”. Durante a migração, eles experimentam todos esses processos, que os levam a construir suas próprias vidas, moldar sua identidade pessoal e social e obter seu próprio papel na estrutura social: portanto, passam pelas fases de seu desenvolvimento humano de uma maneira que não é natural. De fato, Bronfenbrenner define desenvolvimento humano como “o processo pelo qual a pessoa adquire maior diferenciação e uma concepção válida do ambiente ecológico, tornando-se motivada e capaz de se envolver em determinadas atividades”⁴⁰.

Portanto, os *menores sozinhos* vivem um processo no qual desenvolvem sua própria agência, intimamente ligada ao desenvolvimento humano, à luz do princípio ético da relacionalidade natural do ser humano.

Os MSNA acreditam firmemente em sua capacidade de partir, alcançar seus pares no exterior e, como eles, escrever sobre seu futuro, demonstrando que podem chegar ao ponto de criar sua própria identidade com base em um processo de migração que, como para outros pares, foi bem sucedido. Sua imitação não é um fim em si mesma. Eles nos mostram que desejam empreender um processo para o amadurecimento de sua própria agência, o que lhes permite sair de casa, construir um projeto de migração válido e tomar as decisões que afetam sua vida futura por conta própria.

É uma ação criativa, através da qual os MSNA mostram que “têm voz” e determinam mudanças na estrutura social que os hospeda.

Referindo-se ao que Bandura diz em *Toward a Psychology of Human Agency* (Rumo a uma Psicologia da Agência Humana), a criança começa a viver sem a consciência de ser um agente social: “a progressão no desenvolvimento de um senso de *agência* pessoal começa por perceber as relações causais entre os eventos no meio ambiente, através da compreensão das causas através da ação, [trazendo] finalmente [a pessoa a se reconhecer] como agente de ação”⁴¹. Segundo Bandura, as crianças começam a entender sua própria ação através da observação repetida do que acontece, como as outras pessoas agem em relação a elas e, finalmente, experimentando o fato de que suas ações permitem que coisas específicas aconteçam; portanto, o amadurecimento do senso de *agência* ocorre quando a criança começa a se sentir “ator responsável” de suas ações.

Com a consciência de ser parte integrante da estrutura social e capaz de influenciá-la intencionalmente, bem como desenvolver assuntos, os *menores não acompanhados* podem desenvolver quatro propriedades fundamentais da *agency* humana⁴²:

1. Intencionalidade: as crianças partem sozinhas com idéias e estratégias para mudar seu futuro;
2. Planejamento: eles viajam para os países de imigração com o objetivo de se mover de acordo com suas aspirações;
3. Auto-reatividade: os menores reagem de maneira autônoma ao que lhes acontece, escolhem um caminho, mudam-no, estabelecem relações com as pessoas que conhecem - infelizmente também com os traficantes - e tentam, à sua maneira, moldar o curso das ações.
4. Auto-reflexividade: baseia-se nas aspirações das crianças e nos resultados alcançados. Mesmo diante de experiências negativas, como a exploração, os MSNA continuam a construir sua identidade, refletindo sobre o caminho e as experiências para encontrar soluções e adaptar-se como melhor entenderem.

No final, em termos de desenvolvimento humano, a migração de *menores não acompanhados* pode ser definida como um processo educacional profundo. Uma consciência real disso pode levar as pessoas que estão lidando com esse fenômeno a entender a totalidade do processo de desenvolvimento infantil. Esta é uma verdadeira “transição de menos condições humanas para mais condições humanas⁴³”, como afirma Paulo VI. A migração representa esse “movimento” de menos condições humanas para condições mais humanas nos níveis físico, psicológico e social. Esse conceito de desenvolvimento tem um forte impacto na pessoa e em todas as áreas da estrutura social, a ponto de os atores sociais, livres da mentalidade de “bode expiatório”, poderem contribuir para o desenvolvimento de si mesmos e da sociedade em que eles vivem.

5. A mudança de pensamento como condição necessária para o desenvolvimento de MSNA

Depois de estudarmos brevemente a migração dos MSNA e estarmos cientes da presença de outros elementos importantes que não é possível investigar aqui, podemos chegar a uma primeira conclusão de que todos os setores de uma estrutura social - instituições, igrejas e sociedade civil - podem comprometer-se a ser e oferecer facilitadores apenas para o desenvolvimento humano de menores estrangeiros *sozinhos* no processo educacional humano que percorrem para o seu *best interest* (melhor interesse).

Nesse sentido, a doutrina social da Igreja declara: “É totalmente de acordo com a natureza humana que sejam encontradas estruturas jurídicas e políticas que sempre oferecem melhor a todos os cidadãos, sem qualquer discriminação, a possibilidade real de participar livre e ativamente na elaboração dos fundamentos legais da comunidade política⁴⁴”. Nesta citação do Concílio Vaticano II, podemos encontrar alguns princípios éticos fundamentais: não discriminação e igualdade de todos os seres humanos; justiça social; subsidiariedade; liberdade e autodeterminação da pessoa humana; responsabilidade de contribuir ativamente para o bem comum;

consciência dos direitos e deveres da pessoa como ator social. Todos esses princípios podem constituir a base ética para a execução das melhores práticas implementadas por atores sociais, religiosos e políticos, a fim de garantir o respeito pelos *interesses superiores* dos menores.

Isso significa que garantir o bem-estar e a proteção dos menores se torna uma responsabilidade de toda a comunidade e de cada indivíduo. No entanto, como reconhecido por Girard, devido às “lentes de sacrifício” típicas do mecanismo do bode expiatório, “o grupo não reconhece que é responsável por sua própria violência, mas a transfere para a vítima⁴⁵”. Nesse ponto, os MSNA se tornam vítimas reais, não apenas no nível físico, mas também humano, educacional e social: eles podem ser abusados, manipulados e sujeitos ao isolamento social, dinâmica que implica consequências muito negativas no desenvolvimento humano.

Do mesmo modo que a violência afeta e tem repercussões em toda a vida do indivíduo, o desenvolvimento humano também é integral e diz respeito a toda a pessoa, sua proteção, seu crescimento pessoal, sua segurança e bem-estar físico, sua direitos e deveres, seu papel na sociedade e suas responsabilidades humanas e sociais: seguindo a mensagem do *Populorum progressio* de Paulo VI, Bento XVI afirma que “o autêntico desenvolvimento do homem diz unitariamente a totalidade da pessoa humana em todas as dimensões⁴⁶”. Por esse motivo, quando se trata de menores, segundo Francisco “três vezes desamparados porque são menores, porque são estrangeiros, porque estão desarmados⁴⁷”, é fundamental reconhecer as grandes responsabilidades de todo ator social para garantir o respeito aos direitos e um processo de desenvolvimento humano positivo:

reservamos a devida atenção aos migrantes menores, necessitando de um ambiente social que permita e favoreça seu desenvolvimento físico, cultural, espiritual e moral. Viver em um país sem pontos de referência reais, cria [para menores] especialmente aqueles sem apoio familiar, incontáveis e às vezes sérias dificuldades e dificuldades [...]. A adolescência representa um estágio fundamental para a formação do ser humano⁴⁸.

Portanto, mesmo de uma perspectiva ética, é possível afirmar que no caminho migratório do menor *sozinho* o componente educacional do desenvolvimento humano pode ser compreendido: os meninos - pessoas em desenvolvimento - chegam aos países de destino em um momento específico de seu crescimento, estando ausentes pontos de referência da família deixados no país de origem e levados - ou forçados - a dar forma à sua identidade e personalidade em uma terra desconhecida. Tudo o que eles encontram e experimentam diz respeito ao seu desenvolvimento, aos processos educacionais e à jornada pessoal que levam para a vida adulta. Nesse ponto, além dos princípios fundamentais de dignidade e desenvolvimento humano integral que dizem respeito diretamente aos menores e as etapas de seu crescimento, surgem princípios éticos relativos à vida prática de atores mutuamente responsáveis e ambientes sociais que giram em torno das crianças - o subsistemas já citados - e que contribuem para a tecelagem da

estrutura social: solidariedade, subsidiariedade, cooperação, hospitalidade, cuidar dos mais fracos.

Dependendo do nível de interiorização pessoal e social desses princípios, a comunidade se torna mais ou menos sensível ao bem-estar e à proteção de indivíduos vulneráveis e em dificuldades. Onde essa sensibilidade se mostra alta, a violência contra *menores não acompanhados* - que também implica um alto nível de indiferença diante do sofrimento humano, ligada ao mecanismo do bode expiatório - pode ser desmascarada a ponto de a comunidade se reconhecer como responsável pela violência exercida contra os menores.

Nesse sentido, na encíclica *Sollicitudo rei socialis*, João Paulo II fala da “opção preferencial ou do amor pelos pobres” como uma forma especial do primado da caridade cristã e declara:

Essa se refere à vida de cada cristão, como imitador da vida de Cristo, mas se aplica igualmente às nossas responsabilidades sociais [...]. Hoje, dada a dimensão global que a questão social assumiu, esse amor preferencial, com as decisões que nos inspira, não pode deixar de abraçar as imensas multidões de famintos, mendigos, sem-teto, sem assistência médica e, acima de tudo, sem esperança para um futuro melhor⁴⁹.

Nesta passagem, podemos sublinhar dois elementos importantes: (1) a responsabilidade acima mencionada dos atores sociais e políticos em relação aos menores e, para os cristãos, (2) sua missão de imitar Cristo em suas vidas, o que leva a ter uma atitude positiva e ajudar aqueles que estão com fome, que precisam, que não têm um lar ou esperam um futuro melhor, como os MSNA.

Para que a mudança de visão seja possível, a comunidade deve ser formada em termos éticos, políticos e sociais, para que o nível de sensibilidade de todos os atores possa ser aumentado. A opinião pública deve ser tratada - e não distorcida - com base nos princípios acima mencionados em relação às verdadeiras prioridades da comunidade, que dizem respeito a uma verdadeira paz social e ao bem comum. De fato, como afirma Paulo VI, desenvolvimento é o novo nome da paz e “grandes desigualdades econômicas, sociais e culturais entre pessoas e pessoas causam tensão e discórdia e põem em perigo a paz⁵⁰”. A paz é uma responsabilidade de todos - pessoas de boa vontade, uniões de Estado e de pensamento: toda a comunidade está envolvida na construção dessa paz que necessariamente passa pelo desenvolvimento⁵¹.

Portanto, é necessária uma mudança de mentalidade que deve basear-se nos princípios éticos fundamentais acima mencionados: com uma comunidade atenta aos problemas dos mais pequenos e composta por pessoas conscientes de suas responsabilidades, os MSNA podem ser educados de maneira integral e orientados para garantir que sua voz seja ouvida, sua *agência* seja reconhecida e sua consciência de seus direitos e deveres possa amadurecer, para que possam oferecer uma contribuição livre e ativa ao desenvolvimento das comunidades e países que os recebem.

6. Observações finais

Como vimos, a teoria mimética de Girard é capaz de fornecer uma perspectiva de observação do fenômeno dos MSNA e pode facilitar o estudo do processo migratório, que contém todas as experiências físicas, psicológicas e sociais de *menores não acompanhados*. Acompanhado adequadamente por outras teorias das ciências sociais, pode ser útil para aprofundar algumas dinâmicas do processo migratório: a *imitação*, o mecanismo de bode expiatório, a revelação. Além disso, com essas condições, pode ajudar o estudioso a concentrar a atenção em todos os atores e fatores de migração, de acordo com os objetivos da pesquisa: podemos falar sobre menores, opinião pública, atores sociais, traficantes, sujeitos políticos.

No entanto, no que diz respeito à referência à religião e, em particular, ao cristianismo, é necessário lembrar e ser considerado que é um ponto de observação a partir do qual analisar o fenômeno social. Se alguém quer estudá-lo de uma perspectiva ética e estar atento aos princípios, a teoria de Girard não parece ser suficiente, pois não é criada para esses fins.

Mesmo os princípios diretamente derivados da ética secular, como a dignidade do ser humano, o *interesse superior* da criança, a solidariedade, o princípio da não discriminação, que muitas vezes andam de mãos dadas com a ética cristã, são revelados muito útil na análise de um fenômeno tão complexo quanto o da migração de menores *sozinhos*, cujo estudo não pode ser esgotado ao se referir a teorias e disciplinas abordadas como “blocos monolíticos”, mas deve ser desenvolvido mediante o investimento em um diálogo multidisciplinar e interdisciplinar.

Do ponto de vista cristão, a doutrina social da Igreja oferece ideias interessantes para estudo e ação. Nos documentos da doutrina social católica, podemos encontrar alguns princípios e diretrizes para a interpretação do fenômeno, bem como um ponto de encontro com Girard sobre a mudança de mentalidade, de uma “lente de sacrifício” para uma “lente de perdão”. Em outras palavras, mesmo o ensino social da Igreja pode ajudar na conversão do modo de pensar, a fim de contribuir para o desenvolvimento humano integral dos menores e para a construção de uma verdadeira paz e segurança social em nossas comunidades.

¹ Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos. 1989. *Convenção sobre os direitos da infância e adolescência*, 20 de novembro, Preâmbulo.

² Comissão dos Direitos Humanos da Criança. 2005. Comentário Geral n. 6. *Tratamento de crianças não acompanhadas e separadas for a do seu país de origem*, 17 maio – 3 junho, p.5.

³ *Ivi**, pp. 6-10. Não repulsão: de acordo com o artigo 33 da Convenção de Genebra, um refugiado não pode ser impedido de entrar no território, nem pode ser deportado, expulso ou transferido para territórios onde sua vida ou sua liberdade seriam ameaçadas. (Migração aberta, glossário online).

* *Ivi* - É usado em citações para se referir a uma passagem mencionada anteriormente.

- 4 *Convenção dos direitos da infância*, art.3.
5 European Migration Network. 2009. *Menores não acompanhados: aspectos quantitativos e políticas de acolhimento, repatriamento e integração. Análise do caso italiano para um estudo comparativo em nível comunitário*, p.7.
6 Cfr. Lee, E.S. 1996. "A Theory of migration" *Demography* III, pp. 47-57.
7 Salve as Crianças. 2017. *Atlante menores não acompanhados na Itália. Acima de tudo as crianças*, pp.84-86.
8 *Ivi*, p.72.
9 Amnesty International. 2018. *Albania 2017-2018*.
10 Salve as Crianças, *Atlante menores não acompanhados na Itália*, pp.88-90.
11 Cfr. UNICEF. 2016 *Broken Dreams. Central American Children's Dangerous journey to the United States*, p. 6-8
12 Cfr. UNICEF. 2016 *Broken Dreams. Central*
13 Cfr. *Amnesty International*. 2018. *Guatemala 2017-2018*.
14 *Ibid*.
15 UNICEF. 2016 *Broken Dreams*, p. 8.
16 *Ibid*.
17 *Ibid*.
18 Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes. 2018. *Relatório Geral sobre Tráfico de Pessoas 2018*, p.25.
19 *Ivi*, p. 28.
20 Salve as Crianças. 2017. *Salve as crianças, em Jovens Invisíveis Escravizados. Crianças vítimas de tráfico e exploração de trabalho na Itália*, p. 71.
21 *Ivi*, p. 68.
22 *Ivi*, p. 70.
23 *Ibid*.
24 Lippmann, W. 1922. *Opinão Pública*. San Diego: Harcourt Brace, pp. 30-31.
25 Grossi, G. *A Opinão Pública*, Lecce: Laterza, p. 54
26 Papa Francisco. 2019. "Mensagem do Santo Padre Francisco para a Jornada Mundial do Migrante e do Refugiado 2019".
27 *Ibid*.
28 Remotti, F. 1993. "Etnocentrismo." In *Enciclopédia das Ciências Sociais*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.
29 Bandura, A. 2006. "Toward a Psychology of Human Agency," *Perspectives on Psychological Science* Vol. I (2), p.169.
30 *Ibid*.
31 *Ivi*, p. 170
32 Salve as Crianças. 2017. *Atlante menores estrangeiros não acompanhados na Itália. Acima de tudo as Crianças*, p.88.
33 Salve as Crianças. 2017. *Salve as crianças, em Jovens Invisíveis Escravizados. Crianças vítimas de tráfico e exploração de trabalho na Itália*, p. 71.
34 Bronfenbrenner, U. 1979. *A Ecologia do Desenvolvimento Humano. Experiências por Natureza e Desejo*, p.16 Londra: Harvard University Press.
35 Archer, M. 2003. *Estrutura, Agência e Conversa Interna*, p.4. Cambridge: Cambridge University Press.
36 Bronfenbrenner, A *Ecologia do Desenvolvimento Humano*, p. 22.
37 *Ivi*, p. 25.
38 *Ivi*, p. 26.
39 *Ibid*.
40 *Ivi*, p. 27.
41 Bandura, A. 2006. "Rumo a uma Psicologia da Agência Humana," pp. 164-165. *Perspectivas sobre a Ciência Psicológica*. Vol. I (2), p. 169.
42 *Ivi*, pp.164-180.
43 Paulo VI. 1967. *Populorum progressio*, n. 20.
44 Concilio Vaticano II. 1965. *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo Gaudium et spes*, n.75.
45 Hamerton-Kelly. 1992. *Violência Sagrada: Paul's Hermeneutic of the Cross*, p.40. Fortress Press, Minneapolis.
46 Bento XVI. 2009. *Caritas in veritate*, 11.
47 Francisco. 2016 *Mensagem para a Jornada Mundial do Migrante e do Refugiado 2017*.
48 Bento XVI. 2009. *Mensagem para a Jornada Mundial do Migrante e do Refugiado 2010*, n.2.
49 João Paulo II. 1987. *Sollicitudo rei socialis*, 42.
50 Cfr. Paulo VI. *Populorum progressio*, n.76.
51 *Ivi*, n.83.

Bibliografia

- Anistia Internacional. 2018. *Albânia 2017-2018*. Acesse 24/04/2019. (<https://www.amnesty.org/en/countries/europe-and-central-asia/albania/report-albania/>).
- Anistia Internacional. 2018. *Guatemala 2017-2018*. Acesse 24/04/2019. (<https://www.amnesty.it/rapporti-annuali/rapporto-annuale-2017-2018/americhe/guatemala/>).
- Archer, M. 2003. *Estrutura, Agência e Conversação Interna*, p.4. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bandura, A. 2006. "Rumo a uma psicologia da agência humana", *Perspectivas em ciências psicológicas*. Vol. I (2), pp.164-180.
- Bento XVI. 2009. *Caritas in veritate*. 29 de junho. Acesse 15/5/2019. (http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/it/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html#_ftnref16).
- Bento XVI. 2009. "Mensagem do Santo Padre para o Dia Mundial dos Migrantes e Refugiados 2010." Acesso 29/05/2019. (https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/it/messages/migration/documents/hf_ben-xvi_mes_20091016_world-migrants-day.html).
- Bronfenbrenner, U. 1979. *The Ecology of Human Development. Experiências por Natureza e Design*, p.16 Londres: Harvard University Press.
- Comitê dos Direitos da Criança. 2005. *Comentário Geral n. 6. Tratamento de crianças desacompanhadas e separadas fora do país de origem*, de 17 de maio a 3 de junho. Acesse 23/4/2019. (<https://www.refworld.org/docid/42dd174b4.html>).
- Concílio Vaticano II. 1965. *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo Gaudium et spes*. 8 de dezembro. Acesse 27/05/2019. (http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_en.html).
- Rede Europeia das Migrações. 2009. *Menores desacompanhados: aspectos quantitativos e políticas de acolhimento, repatriação e integração. Análise do caso italiano para um estudo comparativo a nível comunitário*. Acesse 23/4/2019. (https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/what-we-do/networks/european_migration_network/reports/docs/emn-studies/unaccompanied-minors/14b_italy_national_report_on_unaccompanied_minors_updated_version_4aug10_it.pdf).
- Francisco. 2017. "Mensagem do Santo Padre Francisco para o Dia Mundial dos Migrantes e Refugiados em 2017." Acesso 29/05/2019. (http://w2.vatican.va/content/francesco/it/messages/migration/documents/papa-francesco_20160908_world-migrants-day-2017.html).
- Francisco. 2019. "Mensagem do Santo Padre Francisco para o Dia Mundial dos Migrantes e Refugiados 2019." Acesso 27/05/2019. (<http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2019/05/27/0450/00923.html#ing>).
- João Paulo II. 1987. *Sollicitudo rei socialis*. 30 de dezembro. Acesso em 30/04/2018. (http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/en/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html).
- Girard, R. 1978. *Coisas Ocultas Desde a Fundação do Mundo*. Londres: Bloomsbury Academic.
- Grossi, G. *Opinião pública*. Lecce: Laterza.
- Hamerton-Kelly. 1992. *Violência sagrada: a hermenêutica da cruz de Paulo*. Fortress Press, Minneapolis.
- Kirwan, M. 2009. *Girard e Teologia*. Londres: T&T Clark.
- Lee, E.S. 1996. "A Theory of Migration", em *Demografia* III, p. 47-57.
- Lippmann, W. 1922. *Opinião Pública*. San Diego: Harcourt Brace.
- Paulo VI. 1967. *Populorum progressio*. 26 de março. Acesse 26/04/2019. (http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html).
- Remotti, F. 1993. "Ethnocentrism." Na *Enciclopédia de Ciências Sociais*. Roma: Instituto da Enciclopédia Italiana. Acesse 14/05/2019. (http://www.treccani.it/enciclopedia/etnocentrismo_%28Enciclopedia-delle-scienze-sociali%29/).
- Salve as crianças. 2017. *Jovem Invisível Escravizado. Crianças vítimas de tráfico e exploração laboral na Itália*. Acesse 24/04/2019. (<https://www.savethechildren.it/sites/default/files/files/rapporto%20young%20invisible%20enslaved%20DEF.pdf>).
- Salve as crianças. 2017. *Atlas desacompanhados estrangeiros na Itália. Primeiro de todos os filhos*.

Acesse 23/4/2019.

(<https://www.savethechildren.it/sites/default/files/AtlanteMinoriMigranti2017.pdf>).

UNICEF. 2016. *Broken Dreams: perigosa jornada das crianças da América Central para os Estados Unidos*. Acesse 25/06/2019.

([https://www.meltingpot.org/IMG/](https://www.meltingpot.org/IMG/pdf/unicef_child_alert_central_america_2016_report_final_1_.pdf)

[pdf/unicef_child_alert_central_america_2016_report_final_1_.pdf](https://www.meltingpot.org/IMG/pdf/unicef_child_alert_central_america_2016_report_final_1_.pdf)).

Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos. 1989. *Convenção sobre os direitos da criança e do adolescente, 20 de novembro*. Acesse 23/4/2019.

(<https://www.ohchr.org/EN/ProfessionalInterest/Pages/CRC.aspx>).

Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes. 2018. *Relatório Global sobre Tráfico de Pessoas 2018*. Acesso em 24/04/2019.

(<https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/glotip/>

[2018/GLOTIP_2018_BOOK_web_small.pdf](https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/glotip/)).

Datas de reuniões importantes da UISG

Conselho de Delegadas:

6-13 novembro 2020 em Nairobi

Assembleia Plenária:

9-13 maio 2022 em Roma

Conselho de Delegadas:

16-17 maio 2022 em Roma

IMAGINANDO LIDERANÇA NUMA COMUNIDADE GLOBAL

Ir. Patricia Murray, IBVM

Irmã Patricia Murray é Secretária Executiva da UISG, União Internacional das Superiores Gerais, em Roma.

Esta palestra foi dirigida à Assembleia de 2019 da Conferência de Liderança de Mulheres Religiosas (LCWR), intitulada “Imaginando a Liderança numa Comunidade Global”, realizada de 13 a 16 de agosto em Scottsdale, Arizona, EUA.

Original em inglês

Obrigada por este convite para estar entre vocês nestes dias e para compartilhar algumas reflexões sobre “Imaginar a liderança numa comunidade global”. Sou irlandesa, como vocês provavelmente podem ouvir, mas moro fora da Irlanda há mais de 20 anos. Como teóloga prática, quando reflito sobre liderança na comunidade global de hoje à luz da palavra de Deus, passo para o mundo da imaginação. Lá, memórias e histórias, símbolos e imagens nutrem minhas reflexões. Um escritor irlandês certa vez descreveu a imaginação “como algo em sua cabeça que estava cantando”. Jesus despertou a imaginação das pessoas através de histórias, imagens e símbolos, desafiando seus ouvintes a interpretá-las, a encontrar o caminho que levaria à plenitude da vida. Alguém já disse bem que “as histórias são dados com alma¹. Portanto, como líderes, é importante incentivar a narrativa, explorar novamente nossos carismas, recontar nossas histórias congregacionais, reexaminar nossos símbolos, histórias e tradições, reinterpretando-os à luz da vida e missão global de hoje. Hoje vou oferecer algumas imagens e pensamentos para sua reflexão como líderes, mas primeiro examinarei brevemente nosso mundo e nossa vida religiosa hoje.

Nosso Mundo Globalizado

Estamos vivendo em tempos extraordinários. Esta não é apenas “uma era de mudança, mas uma mudança de épocas”² Vemos novas tecnologias, transmitindo informações rapidamente ao redor do mundo, criando “dinâmicas econômicas,

políticas e estratégicas, nunca antes concebidas ou suspeitas”³. Vivemos num mundo interligado e globalizado onde milhões de pessoas estão em movimento dentro de continentes e entre eles, fugindo da pobreza, guerra e fome, buscando novas oportunidades em lugares distantes, lutando para construir novas vidas em culturas e contextos desconhecidos. Nosso mundo é marcado pelo pluralismo, crescente diferenciação e complexidade. Embora nos sintamos mais próximos e compreendamos melhor um ao outro e nossas diferenças, há um paralelo aumento de atitudes xenófobas e racistas que são frequentemente exploradas para ganho político. Temos visto muitos eventos incrivelmente tristes quando as pessoas agem com base nessas crenças.

Existe a luta diária pelos princípios da vida ao nosso redor. Eu tenho visto pessoas sem-teto procurando comida nas cidades e mulheres caminhando por 4 horas até o poço mais próximo para buscar água. Um artigo recente do New York Times falou sobre o escândalo de um sorvete que custa US\$ 1.000 e um hambúrguer de US\$ 295, enquanto 25% das crianças do mundo têm o desenvolvimento atrofiado por causa da desnutrição. Este é o mundo de prisões e de centros de detenção ao longo das fronteiras. Vimos o estupro usado como arma de guerra e crianças soldados recrutadas por milícias. Testemunhamos a destruição de vidas e meios de subsistência em guerras e conflitos locais. Milhões de pessoas são traficadas em todo o mundo; outras vivem vidas frágeis nos campos de refugiados, onde as mulheres que buscam lenha têm medo de serem roubadas ou estupradas. A vida em nosso planeta está ameaçada de extinção através de inúmeras formas de contaminação, poluição e destruição, enquanto a vida humana está sendo desvalorizada desde o nascimento até a morte.⁴ Esse cenário global testa o próprio significado e o propósito de nossa vida consagrada e os compromissos que assumimos nos Capítulos Gerais. Testa a honestidade de nossa solidariedade com os pobres e com o planeta, com os excluídos e aqueles cujo direito à vida está ameaçado⁵. Desafia cada um de nós a confrontar nosso estilo de vida com as exigências do Evangelho. Ele nos convida a examinar como nossa vida, nossa missão e ministério devem responder aos apelos de hoje.

Quem somos nós, como religiosas, no mundo de hoje?

A face da Vida Consagrada mudou drasticamente. Tornou-se culturalmente diversificada em seus membros e nos carismas que o espírito dá.⁶ Tenho o privilégio de ter uma visão geral por causa das 2.000 líderes congregacionais que são membros da UISG. Nós, Irmãs, somos mais de 500.000. Dizem que nem mesmo o Espírito Santo sabe quantas somos! Pertencemos a diferentes famílias carismáticas, temos raízes e tradições espirituais diferentes. Nos últimos anos, porém, estamos descobrindo que, sob a diversidade, compartilhamos o que poderia ser chamado de “o carisma” da vida religiosa, enraizada em nossa paixão por Cristo e em nossa paixão pela humanidade. O Papa Francisco expressou sua esperança “de um crescimento na comunhão entre os membros de diferentes institutos”, chamando-nos “a sair com mais coragem dos limites de nossos

respectivos institutos e a trabalhar juntas, em nível local e global”. Isso ele diz que “se tornaria um testemunho profético mais eficaz”⁷. Ele nos convida a ser “parte de uma verdadeira comunhão que está constantemente aberta a encontros, diálogos, escuta atenta e assistência mútua”⁸, alcançando globalmente pessoas de outras religiões e sem nenhuma fé. Utilizando novos meios de comunicação, a vida religiosa tornou-se uma rede transnacional com uma identidade global. Somos peregrinas num mundo globalizado, buscando novas maneiras de expressar nossa vida e nossa missão. O poema irlandês TRASNA⁹, que significa CRUZAR, expressa alguns aspectos da caminhada de liderança que estamos empreendendo.

*Os peregrinos pararam nas pedras antigas,
Na brecha da montanha. Atrás deles estendia-se a estrada que haviam percorrido,
A névoa, à frente, escondia a pista.
Não dita, a pergunta pairou:
Por que continuar? A vida não é curta o suficiente?
Por que procurar penetrar seu mistério?
Por que se aventurar mais em caminhos estranhos que arriscam tudo?
Certamente isso é uma aposta para tolos ... ou amantes?
Por que não voltar silenciosamente pela estrada conhecida?
Por que ainda ser peregrino?
Uma voz que eles conheciam chamou por eles, dizendo:
Este é Trasna, o ponto de passagem.
Escolha. Volte se precisar,
Você encontrará seu caminho facilmente pela estrada de ontem,
Você pode montar sua barraca perto dos fogos de ontem.
Ainda pode haver fogo nas brasas.
Se esse não é seu desejo profundo,
Fique parado. Abaixei sua carga.
Leve sua vida em suas duas mãos,
(,,, você confia em algo precioso)
Enquanto você pesquisa os anseios do seu coração:
O que estou procurando? Qual é a minha busca?
Quando sua estrela se eleva por dentro,
Confie em sua liderança.
Você terá luz para seus primeiros passos.
Este é TRASNA, o ponto de cruzamento.
Escolha!
Este é TRASNA, o ponto de cruzamento.
Venha!*

Como então imaginar a liderança neste local de travessia, como membros de uma comunidade global? Gostaria de oferecer algumas imagens e reflexões para despertar sua imaginação, porque sabemos que não apenas vemos imagens “mas vemos através de imagens”.¹⁰ Como então essas imagens podem falar com você hoje como líderes?

- 1. Alargar a tenda de nossos corações**
- 2. Estar presente nas fronteiras**
- 3. Abraçar a vulnerabilidade**
- 4. Celebrar nossa rica diversidade cultural**
- 5. Envolver-se na observação e na tecer web**
- 6. Ouvir as notas longas**

1. Alargar a tenda de nossos corações

O profeta Isaías disse: “Amplie o local da sua tenda, estenda bem as cortinas da sua tenda, não esconda; alonguem seus cordões, fortaleçam suas estacas.”¹¹ “Esta é uma imagem útil para a vida religiosa hoje em dia, porque fala de flexibilidade e raízes, hospitalidade ilimitada e identidade segura. Somos convidadas a não recuar, a alargar-se, mas ao mesmo tempo a “fortalecer nossas estacas”, garantindo que o que mantém a tenda no lugar desça em profundidade. Este versículo nos convida a abrir espaço em nossos corações, para Cristo e para aqueles que vivem à margem da vida. Neste momento de rápidas mudanças e desafios, precisamos nos perguntar novamente: estamos realmente enraizadas. “Jesus é realmente nosso primeiro e único amor; como prometemos que ele seria quando professássemos nossos votos.”¹² Abraçamos a visão e os valores que inspiraram nossos fundadores e fundadoras? O Evangelho foi central para a vida que eles professaram “uma expressão concreta de (seu) amor apaixonado”.¹³ Nossos carismas são frutos de sua resposta ao chamado de Cristo. Nossos fundadores traduziram o Evangelho num modo de vida particular¹⁴ que respondia às necessidades de seu tempo. Como estamos sendo desafiadas pelo Evangelho? Como nosso carisma está sendo ampliado e expandido hoje? Ele amplia nossas mentes e corações para uma vida radical e sincera? Temos a paixão de nossos fundadores? Estamos perto do povo, compartilhando suas alegrias e tristezas, buscando entender suas necessidades?

As respostas necessárias, hoje, muitas vezes não são encontradas nas grandes iniciativas do passado, mas são como pequenas sementes de mostarda - uma palavra de esperança, um coração que escuta, uma presença compassiva, um olhar curativo. Esse misticismo do encontro acontece em todos os lugares - é “abrangente, pessoal e extrovertido”¹⁵. Vimos esse misticismo em ação em nossas comunidades em leitos de doentes, nas ruas da cidade com pessoas sem-teto, nas fronteiras com famílias separadas, em campos de refugiados, em hospitais e paróquias com pessoas que lutam - na verdade, onde quer que estejamos. Embora as necessidades do mundo sejam complexas e extensas, acreditamos que são os pequenos, os ocultos, os desconhecidos atos de bondade e amor que transformarão nosso mundo. É a qualidade de nossa presença individualmente e em nossa vida comunitária, que importa acima de tudo, para que as pessoas possam ver a presença de Deus em nós. O Papa Francisco fala frequentemente sobre uma revolução de ternura, lembrando-nos que “a ternura de Deus nos leva ao entendimento de que “o amor é o sentido da vida”¹⁶. Somos chamados a derramar o amor que recebemos do Senhor de volta ao mundo - em nossas comunidades, na Igreja e na

sociedade em geral. Através dessa revolução de ternura e amor, o papa propõe uma maneira humilde de mover continentes e montanhas.¹⁷ Esta é a revolução cristã que somos chamadas a liderar. É uma revolução no verdadeiro sentido da palavra - o retorno à origem do Evangelho como caminho a seguir, uma revolução de misericórdia.¹⁸ Mas, para sermos capazes de ter misericórdia, precisamos nos acalmar para ouvir a palavra de Deus e contemplar sua misericórdia. Então, precisamos alcançar esse amor *miserikordioso* primeiro como líderes - pois muitas vezes somos duras conosco - e depois nos tornar misericordiosas com nossos irmãos e irmãs.

A imagem da tenda nos lembra a história de Abraão e Sara e sua hospitalidade com os três estranhos em Mambré¹⁹ nos quais refletimos recentemente. Abraão estava sentado na entrada da sua tenda. Fontes judaicas contam que a tenda provavelmente estava aberta em quatro lados; portanto, Abraão podia ver alguém se aproximando. Ele provavelmente não estava se sentindo no melhor de seus dias; era a parte mais quente do dia e, para complicar as coisas, Deus estava bem na frente dele e havia três estranhos chegando.²⁰ Como líderes, não nos parece familiar? - tudo acontece ao mesmo tempo! Dizem-nos que, quando Abraão levantou os olhos, viu os estrangeiros e correu para cumprimentá-los. Ele trouxe água para banhar seus pés e os convidou a se refrescarem enquanto ele pegava algo para dar-lhes de comer. Ele lhes ofereceu comida em abundância e depois ficou perto deles debaixo da árvore enquanto eles desfrutavam da comida. Quando os estrangeiros perguntaram a Abraão onde estava sua esposa Sara, ele respondeu que ela estava na tenda. Um deles disse que ele voltaria em um ano e que naquele momento Sara teria um filho. Sara, que já estava na entrada da tenda, apenas riu, pensou que isso era simplesmente impossível, pois estava muito além da idade para ter filhos e Abraão também era velho. Quando perguntada porque ela riu, ela ficou com medo e negou de ter sorrido.

No entanto, sabemos o final feliz desse encontro na tenda, no deserto - Sara e Abraão receberam o presente de uma nova vida. Os visitantes, enviados por Deus, mudaram profundamente a vida deles, criando um futuro com o qual nunca poderiam ter sonhado. Percebemos que, com a chegada dos estrangeiros, Abraão parece ter ignorado Deus, mas ele fez exatamente o que Deus queria, por causa de seu profundo relacionamento com o Deus vivo. Isso faz parte da caminhada de fé de Abraão e Sara. Talvez nos ajude a refletir sobre o significado de nossa vida como religiosas, hoje. Podemos nos perguntar como líderes de nossas comunidades: Deus está diante de nós? Porque se ele não estiver, existe o perigo de que o amor que nos anima se esfrie ... e o “sal da fé” perca o seu sabor. Manter nosso olhar fixo em Jesus Cristo, “o pioneiro e aperfeiçoador de nossa fé”²¹, é o nosso desafio. Hoje conhecemos pessoas que chegam pelos quatro lados de nossas tendas congregacionais - pessoas de todas as idades que querem ouvidos que escutem, migrantes e refugiados, aqueles que perderam o emprego, foram traficados, deprimidos, desanimados, aqueles que “buscam o significado último e a verdade definitiva de suas vidas e do mundo.”²² Alguns são estranhos, outros conhecidos por nós; outros ainda não estão fisicamente presentes, mas ouvimos falar deles,

lemos sobre eles e suas lutas em outras partes do mundo. Quando eles passam ou pedem alimento ou apenas por um momento tocam nossas vidas de longe, “o que temos para oferecer a eles?” “Qual é o alimento que podemos dar?” “Qual é a generosidade ilimitada e (amor terno) que é uma parte essencial de nossa testemunho comunitário.”²³ Precisamos fornecer as coisas práticas necessárias naquele momento, mas somos chamadas a dar mais - um testemunho profético radical, de ter um coração global; “de ser uma presença de peregrinas e de oração” sempre vigilante, “fazer intercessão, firmes na fé”, com Deus e com o mundo em seu favor.²⁴

Qual é então a nova vida que nascerá em nós, a transformação que está acontecendo, desconhecida para nós, nesses e através desses múltiplos encontros? Será que, como Sara, às vezes caímos em um certo cinismo, pensando que é impossível dar à luz a algo novo? Ou, como Abraão, ficaremos perto dos estrangeiros que vêm, ouvindo suas perguntas, conversando, sentindo-se chamadas a novas respostas. Durante esses últimos anos, tive conversas extraordinárias com jovens empreendedores, artistas gráficos, jovens, famílias e outros que buscam maneiras criativas de viver sua fé. A vida religiosa, como a própria Igreja, está passando por tempos difíceis, “o calor do dia”. Longe de se tornar irrelevante, parece que a vida consagrada talvez esteja “assumindo um papel novo e inesperado”, mostrando como aceitar e viver “as dificuldades dos dias atuais com fé e até com alegria.”²⁵ Além disso, estamos sendo convidadas a juntar nossos pequenos esforços de mudança com outras partes do mundo. Em outubro, durante o Sínodo da Amazônia, a REPAM (Rede Eclesial da Pan-Amazônia) está construindo uma tenda em Roma para representar a Amazônia: nosso lar comum. Este será um espaço de acolhida perto do Vaticano para todos os que comparecerem ao Sínodo, mas especialmente para acolher membros de comunidades indígenas; um lugar para nos conhecermos, orarmos juntas, trocarmos experiências. Na UISG, tentaremos criar esse espaço digitalmente para ajudar a participação mundial e convidar todos a “ampliar a tenda de nossos corações”.

2. Estar presente nas fronteiras

O Papa Francisco fala sobre uma Igreja que parte, uma Igreja “in uscita”, em saída que precisa passar por terras feridas, para as fronteiras. Gloria Anzaldua usou a metáfora “fronteiras” ou “la frontera” para se referir a diferentes tipos de travessias - entre fronteiras geopolíticas, entre locais de deslocamentos sociais e as travessias que devem ser feitas para existir em múltiplos contextos linguísticos e culturais²⁶. As regiões fronteiriças estão por toda parte: em nossos bairros locais, em nível nacional e internacional e muito perto de casa em nossas comunidades religiosas. Para Anzaldua, as fronteiras são lugares importantes não apenas pelo hibridismo que ocorre lá, mas também pela perspectiva que eles podem oferecer àqueles que vivem lá. Viver nas fronteiras produz um certo conhecimento, o de estar dentro de um sistema e, ao mesmo tempo, reter o conhecimento, o de estar dentro de um sistema e, ao mesmo tempo, reter o conhecimento de alguém de fora. Temos que cultivar esse coração e mente das “fronteiras”. Ver através dos “olhos

dos outros” é essencial para obter uma compreensão mais profunda, uma empatia e compaixão, do que é mais profundo do que o que pode ser alcançado se permanecer dentro do próprio meio social de alguém.

“Fronteiras” é uma metáfora rica. Representa a multiplicidade de lugares e oportunidades em que pessoas de diferentes culturas e contextos se cruzam para aprender e crescer juntas. Isso acontece através da construção de relacionamentos que se dão bem e levam à transformação mútua. Não se trata apenas de sobreviver lado a lado, mas é um processo de construção de conexões profundas, celebrando e apreciando a diferença, comprometendo-se a colaborar juntas. Quando o cardeal Montenegro convidou a UISG a enviar irmãs para a Sicília quando milhares de migrantes chegavam às suas margens, delineando suas expectativas, ele deixou muito claro sobre o que queria. Ele disse: “Não quero outro projeto, já existem muitos bons projetos. Quero irmãs que andem pelas ruas, se aproximem das pessoas, estejam presentes entre a população local e os migrantes, irmãs que serão capazes de construir uma ponte de entendimento que permita que cada grupo passe para o outro.” Estar verdadeiramente presente, apresentar um ao outro, estar aberta a um encontro mútuo com o Outro que vem como estranho, é um ato profético nos contextos divisórios de hoje. Hoje, a população local chama as irmãs das comunidades da UISG de “Le Suore del Mondo” - as Irmãs do Mundo - talvez esse seja nosso novo chamado?

Hoje, mais do que nunca, nossa presença é vital nas muitas fronteiras e fronteiras que bloqueiam e separam as pessoas. Podem ser fronteiras políticas ou físicas ou fronteiras invisíveis que controlam a inclusão / exclusão dos povos. A teóloga espanhola Mercedes Navarro nos lembra que o Deus cristão é “um Deus de fronteira” e que *“para sobreviver nas fronteiras é preciso viver sem fronteiras e ser uma encruzilhada.”*²⁷ Assim, em nossa contemplação, em nossas orações, em nosso alcance, precisamos habitar constantemente fronteiras e limites; precisamos viver profeticamente no espaço intermediário onde podemos transportar pessoas através da divisão de cultura, religião, gênero, raça e etnia. Precisamos ser pessoas que estão na encruzilhada física e espiritual, assistindo e esperando. A preocupação de nossos corações, o poder de nossas orações e nossa defesa de direitos podem apoiar aquelas irmãs que estão em fronteiras físicas em diferentes partes do mundo, porque em nossa irmandade global, onde uma de nós está presente, todas nós estamos.

Podemos nos perguntar: “O que significa viver sem fronteiras e ser uma encruzilhada hoje? Como podemos estar presentes física e espiritualmente nas fronteiras de hoje?”

3. Abraçar a vulnerabilidade

Uma olhar em todo o mundo sobre os desenvolvimentos nas congregações religiosas indica um ciclo de vida percorrendo os estágios de nascimento, maturidade, perda e diminuição, levando em alguns casos à conclusão. Estamos vivendo o ciclo da paixão, morte e ressurreição nos níveis pessoal e organizacional.

A maioria das congregações em todo o mundo tem menos de 200 membros. Muitas congregações no Globo Sul lutam para prover seus membros e seus ministérios, mas acreditam radicalmente que a presença de Deus proverá e sustentará. As congregações no Globo Norte estão confiando suas instituições nas mãos de líderes leigos em agências de confiança, fundações e outras entidades, com os exigentes desafios administrativos envolvidos nesses processos. É como se todas estivéssemos chegando juntas no mesmo espaço sagrado, onde estamos experimentando uma maior fragilidade e vulnerabilidade. De uma maneira profunda, isso nos torna mais relevantes do que nunca; coloca-nos em comunhão com as pessoas do nosso tempo e lugar, especialmente as das periferias. Embora possamos estar orgulhosas das realizações passadas, também devemos reconhecer nossa cegueira e negligência do passado, especialmente quando falhamos em proteger as mais vulneráveis entre nós. Isso nos chama a uma profunda humildade que cria espaço para conversão e mudança. Somos chamadas a encarar o futuro com a mesma coragem e convicção de nossos fundadores e fundadoras, convencidas de que o importante é a nossa presença e o encontro com as pessoas de hoje e suas necessidades. O Papa Francisco nos lembra que “somos herdeiras daqueles que vieram antes de nós e tiveram a coragem de sonhar”.²⁸ Esses sonhos geralmente nasceram em tempos de grande necessidade social com recursos escassos. Temos apenas que ler nossos arquivos para nos conectar com suas experiências fundamentais de vulnerabilidade e fragilidade.

As Escrituras descrevem deserto ou montanhas selvagens, onde o povo de Deus descobre lugares liminares. Eles parecem ser continuamente forçados ao deserto - a seguir a rota mais difícil, mais onerosa e perigosa - como um exercício exigente de fé radical.²⁹ “É aqui, no deserto, que as pessoas são alimentadas, cinco mil por vez e uma nova comunidade toma forma. Somos constantemente lembradas de que “o lugar da escassez, até a morte, é revelado por Jesus, como um lugar de esperança e nova vida”.³⁰ Richard Rohr descreve o “espaço liminar” como “o tempo intermediário crucial em que tudo realmente acontece e ainda parece que nada está acontecendo.”³¹ É o tempo de espera. Hoje, nós, religiosas, parecemos estar neste tempo de espera em que estamos sendo chamadas a ser pacientes, a fim de permitir tempo e espaço para o novo surgir. Nesse local liminar, podemos compartilhar nossas ideias e ouvir profundamente, enquanto compartilhamos como sentimos que Deus está nos chamando; essas conversas podem revelar os sussurros do Espírito.

O escritor espiritual Belden Lane, refletindo sobre a morte de sua mãe, escreve que “o ponto de partida para muitas coisas é a tristeza, no mesmo lugar em que os finais parecem tão absolutos”.³² Enquanto muitos de nós, religiosas, vivemos no lugar de finais ... a fé nos lembra que “a dor do fechamento” costuma ser “o antecedente de toda nova abertura em nossas vidas”.³³ Sabemos que nossa experiência de fraqueza, confusão e busca nos coloca entre os homens e mulheres de nossos dias. O que temos a oferecer às pessoas hoje é, acima de tudo, nossa experiência de vulnerabilidade, fragilidade e fraqueza e nossa profunda crença de que a graça de Deus raramente vem da maneira que esperamos. Muitas vezes, exige

“o abandono de toda segurança” e é apenas ao aceitar a vulnerabilidade que a graça exige que sejamos convidadas à totalidade.³⁴ “É através de nossas próprias limitações e fraquezas como seres humanos que somos chamadas a viver como Cristo viveu. A profissão do conselho evangélico de Pobreza, Castidade e Obediência é “uma testemunha radical do poder do Mistério Pascal”, quando entregamos tudo a quem oferece a vida eterna.

Podemos liderar conversas sobre fragilidade e vulnerabilidade? Acreditamos que Deus está preparando o caminho para algo novo em nossas próprias vidas? Na vida do mundo?

4. Celebrar nossa rica diversidade cultural

O documento recente Vinho Novo em Odres Novos observa que muitas congregações religiosas passaram de contextos quase inteiramente monoculturais para o desafio do multiculturalismo. Donald S. McGavran fala sobre “diversidade humana luxuosa” e Ir. Marie Chin RSM se referiu ao “labirinto de culturas da vida religiosa”.³⁵ Como, então, exercer liderança em meio a essa crescente diversidade, global e localmente? Precisamos nos fazer uma pergunta maior: “Como podemos, como congregações religiosas, como instituições com um propósito, um carisma, trazer uma contribuição positiva para o desafio da vida intercultural global? Como podemos, como líderes, servir a esse propósito maior? “A questão certamente tem sua relevância em um mundo impactado pela globalização. Agora é talvez o momento de as congregações religiosas demonstrarem uma nova maneira de se relacionar com o “outro” em nossas comunidades, que incorpora uma perspectiva esperançosa para a vida futura no mundo. Sabemos que o único caminho a seguir para a humanidade é transformar o planeta em um lugar mais aberto e inclusivo, com base nos valores de solidariedade, justiça e diálogo. O teólogo espanhol José Cristo Rey García Paredes escreve que: *Nossa identidade é planetária e global. Somos cidadãos do mundo ... Como devemos transformar essa visão em algumas convicções profundas e fundamentais, assumidas por todos e cada um dos membros que compartilham a missão?*

Nossas comunidades e congregações são pontos nodais de uma tela muito maior de dinâmica cultural, histórica e econômica. O que acontece em uma parte do mundo, ou em uma congregação ou em uma parte da congregação, reflete o todo e fala em nome do todo. Com essa perspectiva global, começamos a perceber que a “diversidade luxuosa” da vida religiosa e nossa conectividade em todo o mundo podem causar um impacto significativo. As redes e projetos intercongregacionais que estão surgindo hoje falam profeticamente da unicidade da humanidade. Muitas vezes, no Sudão do Sul, a população local - embora muito grata pelas muitas maneiras pelas quais suas necessidades eram atendidas - pergunta repetidamente aos religiosos que vivem entre eles “como vocês, de tantas tribos diferentes, vivem junto?” É por isso que é importante trabalhar em conjunto e com outras pessoas para aprender a viver interculturalmente, enfrentar o preconceito e o racismo e

nossas atitudes e comportamentos etnocêntricos. Começamos essa jornada em algumas de nossas congregações, mas é uma situação que devemos continuar e aprofundar. Talvez pudéssemos formar uma parceria ou congregar uma congregação em outra parte do mundo para abraçar esse desafio?

Podemos nos perguntar onde estamos nessa jornada intercultural dentro de nossas congregações, dentro da sociedade?

5. Envolver-se na observação e no tecer da web

O teólogo menonita e ativista da paz John Paul Lederach tem muito a nos ensinar sobre os processos de liderança no mundo de hoje. Ele usa o termo “imaginação moral” para descrever algo “que chama as pessoas além de coisas que são imediatamente aparentes e visíveis”.³⁶ Ele descreve a imaginação moral como “a capacidade de gerar algo novo”.³⁷ Uma pessoa com imaginação moral procura descobrir possibilidades ainda não sonhadas. Refletindo sobre seu trabalho como pacificador, Lederach percebeu que o uso de uma “abordagem da Web” possibilitava o processo de mudança em muitos contextos difíceis. As linhas, conexões e nós que vemos na web fornecem uma visão do que Lederach chama de “uma abordagem centrada no relacionamento”.³⁸ A arte de tecer na web significa que devemos olhar para os relacionamentos através das “lentes das encruzilhadas sociais, conexões e interdependência”.³⁹ As redes de relacionamentos criam a energia social necessária para fornecer um novo propósito e direção. Os líderes, Lederach afirma, precisam aprender as habilidades necessárias para assistir e tecer na web. Eles precisam ser capazes de identificar encruzilhadas sociais onde os vínculos de conexão podem ser estabelecidos com outras pessoas, a fim de fortalecer o senso de interdependência da sociedade. Na LCWR vocês certamente estão fazendo isso.

Lederach apresenta uma série de conceitos importantes que podem nos ajudar a fazer parte da liderança em nível global. Ele fala sobre tecer teias, perceber pontos de viragem, ser fermento e estabelecer plataformas. Esses conceitos têm uma ressonância bíblica. **Momentos decisivos** são aqueles momentos de conversão que levam as pessoas a outra direção. São momentos, grávidos de uma nova vida, que frequentemente surge de terreno árido. Aqui “coisas novas surgem, coisas antigas são remodeladas e nossas maneiras de ver, ouvir, sentir, pensar e assim por diante são transformadas”.⁴⁰ Para Lederach, o fermento é geralmente um pequeno grupo de pessoas que estão no lugar certo no tempo certo. Elas criam uma atração em uma organização ou em uma sociedade. Elas estão dispostas a arriscar; sair e se aventurar em território desconhecido “sem nenhuma garantia de sucesso ou mesmo segurança”.⁴¹ Lederach vê o risco como uma vocação que envolve uma jornada misteriosa que permite que a imaginação se levante e “leve as pessoas a uma nova costa, embora misteriosa e muitas vezes inesperada”.⁴² Significa ser capaz de abraçar a vulnerabilidade e o medo. Finalmente, para Lederach, plataformas são lugares relacionais que mantêm grupos de pessoas em interação criativa.

Em muitas iniciativas emergentes da vida religiosa global, podemos ver esses elementos em ação. Penso em particular no projeto Solidariedade com o Sudão do Sul, que surgiu no final de décadas de guerra civil, porque um pequeno grupo de pessoas teceu uma rede de relacionamentos locais, internacionais, entre agências e entre religiões. Muitas de suas congregações fazem parte dessa iniciativa e, de fato, desempenharam um papel muito significativo na habilitação deste projeto. Um segundo exemplo, são os programas de capacitação atualmente oferecidos a irmãs, padres e irmãos que acompanham as vítimas de violência sexual em situações de conflito na África Central. Esses programas vinculam religiosos/as a funcionários/as do governo, ONGs locais e internacionais e especialistas em trauma e cura. Os religiosos/as que foram preparados/as agora são uma fonte de esperança e cura para muitos em seus países. Além disso, formaram outras redes e, assim, estão criando novas redes de suporte em seus países. Outro exemplo são as 42 redes anti-tráfico lideradas por religiosas em todo o mundo, incluindo a nova rede criada por Talitha Kum em junho, envolvendo um grupo inter-religioso de mulheres no Líbano e na Síria, que inclui irmãs católicas e mulheres de 5 outras tradições religiosas. E, finalmente, a iniciativa da UISG “Laudato Si”, convidando congregações religiosas em todo o mundo a se unirem ao Movimento Global pelo Clima Católico para tornar a “Laudato Si” conhecida e vivida em nível local.

Eu acredito que agora é a hora de nós, como religiosas, individualmente e como congregações, nos unirmos a redes e plataformas, incluindo aquelas criadas por outros. Podemos nos concentrar em questões que ressoam com nossos respectivos carismas e trazem uma perspectiva de fé a esses relacionamentos. Juntas, falamos sobre nossas preocupações com os líderes da Igreja e líderes nos níveis nacional e global. Fazemos ouvir a voz e a perspectiva das religiosas. Talvez esta seja uma maneira contemporânea de expressar a parábola da Videira e dos Ramos. Podemos fazer parte de grupos de “fermento” que visam fazer uma mudança. Pense na jovem estudante sueca Greta Thunberg, que convidou estudantes do mundo inteiro a “fazer greve pelo clima” ou Malala Yousafzai, que faz campanha pela educação de meninas em todo o mundo. Podemos nos envolver na tecelagem da web quando nos conectamos com outras pessoas próximas e distantes - através de redes de oração e ação.

Podemos incentivar nossos membros a procurar essas possibilidades geradoras? A quais redes sua congregação pertence ou ajudou a criar? Como observadoras da web, que iniciativas devemos aderir ou fortalecer como congregações? Como LCWR?

Finalmente, precisamos...

6. Escutar pela Nota Longa

Em conclusão, como líderes, temos que ouvir a longa nota. Alguns verões atrás, participei de um seminário sobre Liderança Criativa na Burren School of Art, no oeste da Irlanda. O Burren em si é uma paisagem geográfica extraordinária. Uma

das importantes regiões cársticas / calcárias do mundo, existe uma certa qualidade mística no local. Éramos um grupo muito variado de pessoas de diferentes esferas da vida e de todo o mundo. Tivemos muitas boas conversas sobre liderança. No final de cada sessão, um poeta, músico ou artista respondia capturando a essência de cada conversa com um poema, um símbolo ou uma resposta musical porque o líder é realmente um artista. No final de uma sessão, Martin Hayes, um violinista irlandês tradicional, tocou uma peça que terminou com uma nota longa. Percebi que, como líderes, precisamos aprender a ouvir e identificar essas longas notas que surgem na vida cotidiana e que nos apontam para o que está acontecendo em um nível mais profundo, nos chamando a discernir como responder.

Santo Inácio de Loyola nos pede para imaginar a Trindade olhando para o mundo e nos colocar lá contemplando a complicada confusão da humanidade não resgatada. Quase podemos ouvir a Trindade dizendo “vamos trabalhar na transformação de toda a raça humana; vamos responder aos gemidos de toda a criação.”⁴³ A meditação nos convida a “descer à realidade do mundo e nos envolver nele, a fim de transformá-lo.”⁴⁴ Perguntando a nós mesmas: “Como podemos fazer parte do plano divino para a Missio Dei, pela redenção do mundo? Quem somos chamadas a ser como mulheres religiosas, como congregações e como indivíduos?” Ir mais fundo toca as profundezas místico-proféticas de nossas vidas, das quais todas as nossas ações fluem. As respostas estão em aberto a envolver-se em simples atos de encontro e comunhão com aqueles que estão próximos e aqueles que estão longe. Podemos fazer isso em qualquer lugar, a qualquer hora e em qualquer idade. Encontrar o outro e estar em comunhão com os outros é o coração de nossa liderança a começar por nós, depois os membros de nossas congregações e outros para: ***Alargar a tenda de nossos corações; Estar presente nas fronteiras; Abraçar a vulnerabilidade; Celebrar nossa rica diversidade cultural; Participar da observação e tecelagem da web e, finalmente, Ouvir as notas longas.***

O encontro exige uma profunda abertura à missão de Deus no mundo. Nossa fé é “primeiramente um encontro com Jesus, e depois devemos fazer o que Jesus faz: encontrar os outros”.⁴⁵ Viver o *misticismo do encontro* exige “a capacidade de escutar, de ouvir outras pessoas; a capacidade de buscar maneiras e meios”⁴⁶ de construir juntas o Reino de Deus. Em todo o mundo, nós, irmãs, como comunidade de discípulas missionárias, procuramos seguir em frente, ousadamente tomando a iniciativa, saindo com outras pessoas, buscando aqueles que caíram, parando na encruzilhada e acolhendo os marginalizados.⁴⁷ Somos chamadas acima de tudo a ser uma presença contemplativa no mundo, discernindo como responder às mudanças de paisagens; contando umas às outras o que está acontecendo onde quer que nos encontremos, como nos sentimos chamadas a responder e convidando a nos apoiar mutuamente.

Precisamos ter essas conversas globais. Temos as ferramentas de comunicação para nos conectarmos em todo o mundo. Recentemente, na UISG, unimos irmãs em todo o mundo com as irmãs em Washington que se envolveram em um ato de desobediência civil para chamar a atenção para as condições desumanas, especialmente para crianças, nos centros de detenção de migrantes. Poderíamos afirmar e apoiar

a recente carta enviada por 62 comunidades de clausura de irmãs Carmelitas e irmãs Clarissas ao Presidente e Primeiro Ministro da Itália deplorando o tratamento dos migrantes. Sabemos que a presença de Deus está ao nosso redor e que estamos conectadas umas às outras através de laços visíveis e invisíveis. Estamos sendo convidadas a “percorrer com ternura a caminhada de nossas vidas, segurando as mãos umas das outras (juntamente com as mãos de um menor número de irmãs e irmãos), sabendo o tempo todo que é Cristo quem é nosso companheiro zeloso e radiante”.⁴⁸ Viver em Roma me possibilita acompanhar de perto a vida e os tempos do Papa Francisco. A liderança dele é de transformação global. Ele nos mostra⁴⁹ como combinar nossa caminhada pessoal pela vida neste mundo com a caminhada simultânea da humanidade se movendo em direção a Deus. Ele mantém em equilíbrio muitos dos elementos apresentados nesta manhã. Ele testemunha como o líder deve estar imerso no mundo com os olhos abertos para suas alegrias e sofrimentos, com o coração partido por compartilhar a luta cotidiana do povo, ao mesmo tempo em que se retira para contemplar o rosto de Jesus. O Papa Francisco conhece a si mesmo profundamente, reconhece sua vulnerabilidade como pessoa, como “chamado, mas não perfeito”, constantemente pedindo o apoio de nossas orações. Esse apoio lhe permite transcender suas limitações a serviço dos outros com ternura e misericórdia. Por fim, ele demonstrou que a liderança envolve uma interação criativa entre passado, presente e futuro, onde “a memória de nossas raízes” nos dá “coragem diante do desconhecido”⁵⁰ - uma coragem que entende a fidelidade como “uma mudança, um florescimento e uma crescimento.”⁵¹ Por fim, como líderes, você e eu estamos sendo chamadas para liderar “comunidades de mudança ... fieis na busca contínua e interminável de Deus neste lugar e hora em mudança”.⁵²

¹ Brene Brown, YouTube, Ted *Falar sobre Vulnerabilidade*

² Papa Francisco, Discurso na Conferência Nacional da Igreja Italiana, Catedral de Sta Maria in Fiore, Florença, 10 de Nov. de 2015.

³ Paixão por Cristo, Paixão pela Humanidade: Ato do Congresso para a Vida Consagrada (Paulines Publication of Africa: Nairobi, 2005), 27

² Pope Francis, Address to the National Conference of the Italian Church, Cathedral

of St. Maria in Fiore, Florence, Nov. 10, 2015.

³ Passion for Christ, Passion for Humanity: Act of the Congress on Consecrated Life (Paulines Publication of Africa: Nairobi, 2005), 27.

⁴ Ibid., 26.

⁵ Ibid., 25.

⁶ Ibid., 27.

⁷ Pope Francis, Apostolic Letter, Year of Consecrated Life, 21 November. 2014

- Ibid.,
Sr. Raphael Considine, Presentation Sister.
John Shea, "Theological Assumptions and Ministerial Style" in *Alternative Futures for Worship in Alternatives Futures for Worship*, vol. 6 Leadership Ministry in Community, ed. M.A. Cowan (Collegeville, Minn: Liturgical Press, 1987), 105-28.
Is. 54:2.
Papa Francisco, Testemunhas da Alegria: Carta Apostólica a todas as Pessoas Consagradas por Ocasião do Ano da Vida Consagrada, nº 1.
Ibid., nº 2.
Ibid., nº 1.
Papa Francisco, Testemunhas da Alegria, nº 2.
Papa Francisco, Teologia da Ternura, 13 de Setembro de 2013
Mt 17,19; 21,21.
Walter Kasper. *Pope Francis' Revolution of Tenderness and Love: Theological & Pastoral Perspectives*. New York: Paulist Press, 2015.
Gen. 18
Marianne Moyaert, "Biblical, Ethical and Hermeneutical Reflections on Narrative Hospitality," in Richard Kearney & James Taylor ed. *Hosting the Stranger: Between Religions*
Bento XVI, Carta Apostólica, "Porta Fidei": Para a Indicação do Ano da Fé, 11 October 2011, #13.
Ibid., #10.
Patricia Jordan FSM, *Shifting Sands and Solid Rock* (Herefordshire: Gracewing Publication, 2015), 14.
CICLSAL, *Keep Watch, To Consecrated Men and Women, Journeying in the Footsteps of God*, 8th September, 2014.
Brian O'Leary, *Radical and Free: Musings on the Religious Life* (Messenger Publications: Dublin, 2016), 5.
Introduction to the Fourth Edition by Norma E. Casntu and Aida Hurtado in Gloria Anzaldua, *Borderlands: La Frontiera – The New Mestiza*, 4th Edition (San Francisco: Aunt Lute Books, 2012), 6.
Anzaldua, *Borderlands: La Frontiera – The New Mestiza*, 6.
Papa Francisco, Festa da Apresentação do Senhor, 2 de Fevereiro de 2017.
Beldon C. Lane, *The Solace of Fierce Landscapes: Exploring Desert and Mountain Spirituality* (London: Oxford University Press, 8th edition, February 26, 2007), 44.
Ibid.,
Richard Rohr, *Daily Meditation for Holy Saturday*,
Lane, *The Solace of Fierce Landscapes*, 25.
Ibid.
Ibid., 30.
Marie Chin RSM, "Towards a New Understanding of Cultural Encounter in Our Communities" in *Horizon*, Winter 2003, 16.
John Paul Lederach, *Moral Imagination: The Art and Soul of Building Peace* (New York: Oxford University Press, 2004).
Lederach, *The Moral Imagination*, 27.
Ibid., 77
Ibid., 78.
Mark Johnson, *Moral Imagination: Implications of Cognitive Science for Ethics* (Chicago: University of Chicago Press, 1993), 212.
Ibid., 39.
Ibid.
Fr. Daniel Ruff, SJ, *Bulletin of Old St. Joseph's Church in Philadelphia*, Advent 2008.
Josep M. Lozano, "Leadership: The Being Component" in *J. Business Ethics*, Published online 23 March 2016
Pope Francis, *Vigil of Pentecost with Ecclesial Movements*, 18 May 2013.
Pope Francis, *Apostolic Letter on the Occasion of the Year of Consecrated Life*, #3.
EG, #24
Ibidem
Chris Lowney, *Pope Francis: Why He Leads The Way He Leads – Lessons from the First Jesuit Pope* (Loyola Press: Chicago 2018).
Pope Francis quoted in Robert Moynihan, *Pray for Me: The Life and Spiritual Vision of Pope Francis: First Pope from the Americas* (Image Press: New York, 2013), 209
Sam Sawyer, *Jesuit Post*, 2013.
Joan Chittister, OSB, *What Are You Looking For: Seeking the God Who is Seeking You* (Paulist Press, New Jersey, 2019), 11.

IRMÃS EM COMUNHÃO SORORAL NO E PARA O MUNDO NO SÉCULO XXI

Ir. Anna Sanchez Boira, MHSFN

Irmã Anna Sánchez Boira é religiosa das Missionárias Filhas da Sagrada Família de Nazaré. Nascida em Barcelona, estudou Filosofia e Letras (filologia catalã e filologia castelhana). Apaixonada pelo mundo da educação, tem-se dedicado a educar crianças e jovens nas escolas da Congregação. No ano 2011, foi transferida para Roma onde – como membro da comissão histórica de seu Instituto – colaborou no projeto de publicação da história e as fundações da Congregação. Ali continuou seus estudos de Teologia da Vida Religiosa no Instituto Claretiano, obtendo a licenciatura (2016) e o doutorado (2018) sobre “O carisma da vida religiosa apostólica feminina no terceiro milênio: irmãs em comunhão sororal no e para o mundo”. Atualmente, vive na Indonésia, e continua aprofundando este tema no âmbito do diálogo interreligioso característico desse país.

Original em Espanhol

Aproximação ao termo sororidade

O conceito de *fraternidade-sororidade* aparece nos filósofos clássicos: por exemplo, Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, define a amizade entre seres humanos como fazer ao outro o que quero que façam a mim. Séculos mais tarde, Santo Tomás afirma que “o outro” é distinto de mim, por isso devo oferecer-lhe o que é meu e confraternizar-me com ele.

Numa outra perspectiva, Hanna Arendt sustenta que o pessoal deve enquadrar-se no coletivo. O objetivo é passar da solução de um problema, à solução de problemas sociais; portanto, a pluralidade social exige combinar com as mulheres e empoderar sua influência no mundo.

Em 1980, Elizabeth Lovatt- Dolan¹, leiga comprometida com a Igreja e com a mulher, já se refere às mulheres na Igreja partindo de uma única vocação que une, mas que implica diversos modos de vivê-la. Consciente ou não do termo “*sororidade*”, propõe a união das mulheres de fé como um novo paradigma de colaboração: “*Todos temos a mesma vocação, servir a Deus e servir-nos uns aos outros, porém o viver esta vocação depende de nossos dons próprios e carismas particulares e de nossa prontidão para responder ao Senhor (...) Hoje, muitas de nós estamos começando a pensar em termos de complementaridade de vocações, sendo conscientes*

de que temos que fazer frente a muitos dos mesmos problemas e mesmos direitos. Estamos começando a dar-nos conta de que podemos ajudar-nos mutuamente para enfrentá-los, conscientes do quanto nós necessitamos umas às outras”.

Mercedes Navarro diz que se deve levar em conta a necessidade relacional da mulher: *“Se tiras de uma mulher a estrutura relacional, lhe tiras não somente um núcleo de identidade, mas a anulas como pessoa. As relações são seu hábitat, sua experiência básica, seu eixo estrutural”*². Hoje se estendeu em alguns países o sentido de comunidade de mulheres, de associação, de grupo, para falar, partilhar, ajudar-se, empoderar-se, rezar, celebrar... A mulher precisa relacionar-se com outras mulheres para fortalecer sua identidade pessoal e social.

Na vida religiosa, Eleonora Barbieri, em 1998, recorda o trabalho das religiosas nos diversos campos sociais para empoderar a mulher e promover a troca: *“As religiosas, há séculos, estão trabalhando em silêncio, fazendo, muitas vezes, em favor da sociedade, o que outros não querem fazer”*³.

Enrica Rosanna manifesta que as mulheres estão criando redes, grupos sororais, ao tomar consciência de sua condição de mulher e do sentido de responsabilidade com os demais. O novo paradigma gera o desenvolvimento dos recursos pessoais por meio de uma autêntica reciprocidade: *“Por isto, diversas mulheres – individualmente e associadas – têm reforçado a solidariedade entre elas (...). Têm pedido justiça com a intenção de não lutar somente para si mesmas, mas para todos, homens e mulheres, sem levar em conta a idade, a nacionalidade ou a religião”*⁴.

Mais recentemente, Janet Mock propõe que, com imaginação e criatividade, as congregações estão chamadas a estabelecer vínculos, pois *“são parte de uma irmandade mais ampla e não há maior alternativa para o futuro do que colocar em comum nossos recursos para assegurar que haja religiosas formadas espiritualmente, preparadas intelectualmente e psicologicamente maduras para enfrentar os desafios que temos diante de nós mesmas no mundo. Devemos encontrar a maneira de fazer juntas o que muitas comunidades não podem fazer sozinhas para assegurar a vida religiosa no futuro”*⁵.

Seguindo esta mesma linha, Pat Farrell sublinha a abertura que a vida religiosa está experimentando visto que o *“futuro é incerto. Somente podemos criá-lo juntas (...), hoje existe uma nova urgência de aprofundar nossa capacidade de escutar e de seguir o guia da sabedoria coletiva (...) O futuro nos está levando além do pessoal em direção à transformação comunitária”*⁶.

A ideia-significado do termo sororidade-fraternidade vai tomando forma, porém, segue sem ser de uso habitual em castelhano ou espanhol da Espanha – sim, ou muito mais, em hispano -, o mesmo ocorre em outras línguas de origem latina; por outro lado, a língua inglesa usa o termo *sisterhood*, e inclusive *sorority*. Sororidade provém do latim *soror*, *sororis*, “irmã”. Refere-se à relação entre mulheres caracterizada pela solidariedade, pela amizade e pela criação de alianças, isto é, uma “irmandade ao modo de ser feminino”.

A antropóloga mexicana *Marcela Lagarde* é uma das promotoras e difusoras do conceito em língua espanhola e se refere ao “*apoio mútuo das mulheres para conquistar o poder de todas. É uma aliança entre mulheres que propicia a confiança, o reconhecimento recíproco da autoridade e o apoio. Trata-se de concordar de maneira limitada e pontual algumas coisas, com cada vez mais mulheres. Somar e criar vínculos. Assumir que cada uma é um elo de encontro com muitas outras*”⁷.

A comunhão *sororal* na Vida Religiosa apostólica feminina é um sinal profético. Os carismas em comunhão são expressão da riqueza do Evangelho, do mistério de Cristo que cada Instituto é chamado a difundir pela graça do Espírito. Deus conosco e através de nós evangeliza. Aqui está o desafio da vida apostólica: viver no mundo como irmãs e irmãos e, em comunhão de carismas, anunciar o Evangelho e fazê-lo acreditável em nosso tempo.

Vida religiosa em clima de sororidade

Para a vida religiosa, a sororidade é reconhecer-se uma grande família na terra e no céu; sentir que, estejas onde estejas, as irmãs de congregação – e mais além da própria congregação – são tua família. É sentir-se comunidade no Senhor que nos sustenta e ajuda através de nossas irmãs. Joan Chittister escreve: “*elas todas vêm de um único coração*”. Jesus é quem nos une – num só coração – como irmãs em um único Pai, é o mistério de *comunhão* sororal.

As mulheres do Evangelho seguem Jesus, permanecem junto dEle na cruz e são testemunhas da ressurreição, mantêm-se unidas, são irmãs, amigas e confidentes (Maria e Isabel). A vida com o Senhor é uma experiência de comunidade que é quem nos convoca a viver juntas e nos envia à missão. A vida religiosa apostólica está chamada a ser comunidade em saída, ao encontro do outro. Felicísimo Martínez escreve “*o amor fraterno ou sororal é o núcleo da vida cristã, a substância do Reino de Deus e sua justiça*”⁸. Cada um é chamado a vivê-la pela sua vocação. Jesus nos deixa o mandamento do amor: “*que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei*”, Jo 15,12. Com Jesus, a Trindade revelada na família de Nazaré nos aproxima de uma família humana, modelo do amor recíproco. A sororidade-fraternidade se aprende do amor Trinitário, Deus Trino é Pai e em seu Filho nos entrega seu amor que permanece com a humanidade pelo mistério do Espírito.

Comunidades sororais

Santo Agostinho entende a *koinonia* – a fraternidade monástica – como um ambiente propício para viver a amizade. Apresenta como modelo o pedido de Jesus ao Pai na oração sacerdotal: “*para que todos sejam um. Como tu, Pai, em mim e eu em ti, que também sejam um em nós*” (Jo 17,21). É uma unidade à qual se chega por graça. O amigo-irmão é “*o irmão do meu coração*” (*Confissões*, 9,4-7), “*meu outro eu*” (*Carta 20,1*). A relação sororal das irmãs ou fraternal dos irmãos é inspiração do Espírito: “*Quando nossa amizade é uma amizade em Cristo, então*

há lugar para todos, o amigo é único, embora não seja o único amigo! (...) Quem ama segundo o coração de Cristo, pode ir pelas ruas, amar a todos no espaço infinito de amor que recebeu de Deus e que o torna capaz de acolher a todos para levá-los a Deus”⁹.

A comunidade sororal é profecia de uma nova vida em Cristo, anúncio da presença e da ação de Deus que reconcilia e une cotidianamente, em meio às inevitáveis dificuldades da vida em comum: *“É maravilhoso conseguir que uma comunidade religiosa seja um sinal profético inserido num hospital, em um colégio, em um bairro, etc., e o será se for uma comunidade orante, fraterna, aberta, generosa, apostólica e missionária”¹⁰.*

A vida sororal em comunidade nos coloca ao lado do outro, um junto ao outro, onde Deus ocupa o centro. A comunidade é dinâmica, concreta, em constante recriação e celebração; convida-nos a doar-nos, a admirar, respeitar e renunciar até desaparecer. A vida sororal favorece o desenvolvimento dos dons pessoais e suscita uma verdadeira solicitude com a irmã mais frágil e débil, porque vemos nela a Jesus, frágil e débil.

A carta *Anunciai* recorda que a fecundidade da vida religiosa apostólica depende da qualidade das relações comunitárias: *“A vida fraterna em comunidade, vivida na simplicidade e na alegria, é a primeira e fundamental estrutura de evangelização”¹¹.* Porém, devem estar convencidos da força de seu testemunho: *“Viver a aliança fraterna e sororal, conviver como irmãos e irmãs no Senhor (...) é uma forma de mostrar, com a vida, em que consiste o seguimento de Jesus, em que consiste a vida evangélica, em que consiste a vida abundante que Jesus quer para toda a humanidade. A vida comunitária é uma forma prática de anunciar o Evangelho, de crer nele, de torná-lo acreditável. Porque não é só um anúncio; é uma prática capaz de mostrar que o Evangelho já está se realizando: esta é uma das missões fundamentais da vida religiosa: mostrar com as práticas comunitárias em que consiste a vida evangélica e como se pode viver a vida evangélica”¹².*

Precisamos humanizar nossas relações, sentir-nos irmãs, amigas no Senhor, onde o rosto da irmã é transparência do mesmo rosto de Cristo. O Papa Francisco, em suas abundantes reflexões sobre a vida consagrada, insiste em cuidar da comunidade: *“Proximidade! Quem é o primeiro próximo de um consagrado ou de uma consagrada? O irmão ou a irmã da comunidade. Este é vosso primeiro próximo”¹³.*

As comunidades sororais se caracterizam pela partilha na missão, pois no grupo estão a fortaleza, a riqueza e o testemunho; para criar calor no lugar, acolhida, afeto, onde simplesmente se está em casa. Na relação sororal, a *empatia* leva à ação, ao empenho em assumir o outro, atendê-lo, cuidá-lo; é olhar com o amor de irmã e sentir com o outro, ser consolo no pranto e esperança de uma vida nova. Cito as palavras do Papa Francisco: *“o irmão e a irmã que Deus me dá são parte da minha história, são dons dos quais devo cuidar”¹⁴.* As relações sororais e fraternas nos incitam a criar vínculos de comunhão para que todo o humano tenha um eco em nosso coração.

O núcleo desta comunidade é uma relação humana e espiritual, comprometida, portadora de esperança. Não tenhamos medo de ser comunidades humanamente vulneráveis; Cristo entregou sua vida por amor à humanidade: *“Nossas identidades não nos pertencem a não ser porque somos depositárias do que foi derramado nelas. Somente são fecundas quando as oferecemos até o fim, sem fazer propaganda delas, a não ser quando as colocamos à disposição dos demais”*¹⁵.

Em busca de uma sororidade universal

Jesus criou a comunidade dos doze. Jesus se disse irmão e irmã da humanidade unidos no mesmo Senhor, e reivindicou a justiça para todos. Não era político, porém não deixou de questionar os poderosos de seu tempo... Por que não é hoje do mesmo modo?

Simone Weil, em sua última carta dirigida ao Pe. Jean-Marie Perrin, sacerdote dominicano, escreve: *“Hoje não basta ser santo, é necessário a santidade que o momento presente exige... uma santidade nova, também sem precedentes (...) Lá onde existe uma necessidade, ali há uma obrigação”*. Muitas religiosas transitam, em sua vida cotidiana, pelas necessidades de nosso mundo; a diversidade tem manifestado a criatividade sororal que reaviva a experiência de Pentecostes: *“converter o mundo dos homens em um espaço de verdadeira fraternidade”*¹⁶.

A religiosa é, hoje, irmã do povo; e, algo mais, permanece derramando o amor de Cristo: curar feridas e sarar doenças, empoderar as pessoas, mediar conflitos, acompanhar na arte da reconciliação; é geradora de vida como Jesus, que não quer ninguém dobrado nem escravo, mas quer somente uma humanidade em pé, livre. Elias López nos chama a *“saltar nas feridas do mundo para converter-se em bálsamo de cura”*¹⁷. As feridas dóem e, às vezes, seu longo período de cicatrização supõe muito sacrifício e dor. Ou abraçamos o sofrimento do mundo ou não seremos testemunhas da redenção. A vida religiosa nas periferias manifesta uma sororidade universal, onde todos somos filhos de Deus, onde não há excluídos, onde o único privilégio da irmã e do irmão de Jesus é o serviço: *lavar os pés* do marginalizado e *carregar a cruz* da nossa história.

A vida religiosa é um carisma que colabora com a solidariedade universal; sim, somos mulheres e homens do Espírito, este compromisso é prioritário num mundo disperso. A comunidade sororal é a primeira semente da comunidade universal: *“a vida de comunhão se converte em sinal para o mundo e numa força atrativa que conduz a crer em Cristo. Deste modo, a comunhão se abre à missão, fazendo-se ela mesma missão”*¹⁸. A comunidade é escola de sororidade-fraternidade: *“É na fraternidade que se aprende a acolher os demais como dom de Deus, aceitando suas características positivas junto com suas diversidades e seus limites. É na fraternidade que se aprende a partilhar para a edificação de todos”*¹⁹.

A vida religiosa é um modo de viver esta *sororidade* no mundo, pois hoje as congregações se encontram disseminadas nos lugares mais escondidos e estranhos.

A vida religiosa apostólica feminina representa uma das maiores coletividades de mulheres em todo o planeta, chamada a estender esta sororidade global que avança enraizada no Amor de Cristo e que chama o outro de irmão e irmã. Vivemos numa rede universal quando estamos convencidos de que todos somos parte do mesmo universo que Deus continua criando.

Novas formas de missão: a criação de alianças

Estar conscientes de que fazemos parte da mesma criação e da mesma humanidade é o primeiro passo para o encontro e a participação num projeto comum. Neste terceiro milênio, trabalhar em rede - *networking* – para colaborar e participar em iniciativas que contribuam para o bem e a justiça social não é uma tendência ou uma moda, mas é resultado de um novo modo de relacionar-se que as novas tecnologias e meios de comunicação têm favorecido e que nos situa em escala mundial. A questão determinante é que une estas redes: uma humanidade solidária que sente a dor do próximo? ou uma humanidade solidária que sente, na dor do próximo, a Cristo crucificado?

A *rede* da vida religiosa firma-se em ser um só coração em Jesus ao que nada humano é alheio. A sororidade-fraternidade universal irrompe no mistério da Encarnação, numa mulher que dá seu filho, nosso irmão mais velho. Jesus nos ensina a amar como irmãos para que sejamos uma mesma família humana. As redes na vida religiosa são sólidas porque são tecidas no movimento de um amor oblato, incondicional. A rede permite unir esforços e melhorar o rendimento dos recursos (materiais e pessoais); porém, mais importante que os benefícios e ganhos de nossas metas, é a união das redes, o testemunho de entrega pessoal e comunitária. Hoje, as redes passaram a ter um alcance universal e uma complexa organização. Os meios de comunicação têm favorecido e impulsionado redes de solidariedade e interdependência, é nossa responsabilidade transformá-las em canais de humanidade por aqueles que difundem a Boa Nova. A interconectividade alarga e enriquece a visão do mundo, fortalece os vínculos para a ação comum e proporciona sentido de pertença e corresponsabilidade.

As redes são testemunho de unidade num mundo muito dividido ou fragmentado. A fortaleza de nossas redes está no vínculo que se estabelece: a comunhão de carismas que não trata de unificar, mas de partilhar, intercambiar, recriar. A missão é partilhada quando se partilha a vida. O modelo intercongregacional vai ganhando terreno. A missão comum vai além da ação, supõe a relação entre nós e o reconhecimento de que somos dom na reciprocidade. Ninguém pode apropriar-se do carisma da vida consagrada, mas deve promover o “*instinto de universalidade*”²⁰.

Oração de intercessão

Quando o Espírito irrompe, tudo é possível porque é sensivelmente surpreendente. A comunidade orante nos prepara para ver a presença de Deus nas pessoas, para olhar com os olhos do amor de Deus os acontecimentos e as coisas; a comunhão

muda o olhar sobre nossas irmãs e irmãos. Henri J.M.Nouwen assinala que a solidão nos dispõe para Deus; nela nos esvaziamos para Deus e, ao mesmo tempo, nos abrimos aos demais e deixamos que Deus ‘toque’ o mundo através de nós: *“abre-se um grande espaço no qual podemos acolher todas as pessoas do mundo (...) Na verdadeira solidão há lugar ilimitado para os demais (...) Na solidão, somos tão absolutamente pobres que podemos entrar em solidariedade com todos os seres humanos e deixar que nosso coração seja o lugar de encontro não somente com Deus, mas através dEle com todos os homens”*²¹.

Metz se refere à *“solidariedade histórica dos orantes (...) Os que rezam se descobrem entrelaçados numa grande rede de solidariedade histórica”* histórica²²; não se pode rezar de costas aos que sofrem, mas deve-se rezar por e com eles.

A comunhão sororal-fraterna é *espaço teologal* onde se vive a presença mística do Senhor ressuscitado. Entrar na lógica de amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo é amar reciprocamente, no qual o amor é renúncia por amor num movimento circular entre as três pessoas. A partir desta perspectiva, a comunidade religiosa contempla o amor de Deus que está chamada a revelar. Não podem viver pessoas tão distintas juntas de modo estável, se não for porque cada uma delas está unida ao Senhor.

O centro da comunhão é o sacramento da Eucaristia. Jesus, antes de entrar em comunhão com a humanidade, recomendou aos seus *“fazei isto em memória de Mim”*. Ele também o recomenda a nós. Em que consiste este ‘tarefa’? Repartir o pão é partir, partilhar e entregar-se; hoje continua sendo um sinal profético, antecipação do amor definitivo em Cristo. A vida consagrada atualiza a entrega na cruz de Jesus que nos amou até o extremo. Na Eucaristia, comungamos com Cristo e, enamorados Dele, comungamos com os mais pobres e necessitados – com o drama humano – em nosso serviço de amor em Cristo.

Em direção a uma nova humanidade

Para construir a sororidade-fraternidade universal é preciso cruzar fronteiras que podem situar-nos em terreno perigoso; muitas irmãs o fazem; a fronteira não é um limite, mas um lugar de passagem para habitar com os mais desfavorecidos. A caridade não é uma opção. Em nossa sociedade secularizada, a vida religiosa será acreditada se seus projetos são humanos e humanizam. As religiosas são uma gota no oceano? Sim, certamente, poucas e anônimas entre tantos, porém pelo contato, como por osmose, o bem vai se difundindo. A voz deve fazer-se ouvir com a serenidade e firmeza próprias da mulher. Sua presença humilde as aproxima da verdade do mundo. Criar vínculos significa *‘oferecer vida’*, formação, palavra, dignidade, superação da marginalização para entrar e tornar-se parte da sociedade com voz própria. As religiosas devem optar por ser minoria profética, resituar-se e assumir com coragem – em alguns casos até o martírio – sua entrega à humanidade, ser sinal do Espírito que inspira a força.

A comunhão Trinitária é comunhão de amor até a kénosis, onde está a kénosis

da vida religiosa? O abaixar-se e ir até os últimos, o êxodo pessoal e comunitário até a terra prometida são o único caminho de salvação. A vida religiosa leva consigo morrer. Assumir a história de nossos fundadores e fundadoras é descobrir homens e mulheres contra-a-corrente, visionários que tomarão decisões valentes. *Imaginação missionária* na escuta do Espírito para ir além do cotidiano, intuir o olhar de Deus ao mundo e optar por um sistema de valores distinto, por novas atitudes diante da vida: *“O diálogo é um instrumento poderoso para converter-nos em irmãos e irmãs uns aos outros, e quiçá também amigos, bem além das diferenças e dos múltiplos problemas cotidianos. A vida religiosa, quando se abre ao diálogo, converte-se em caminho de amizade que fala, mais que as palavras, quem é o Deus que celebramos”*²³.

Ser discípulos é viver a comunhão em Cristo tornando-se responsáveis uns dos outros como irmãs e irmãos para que nenhum se perca. Hoje, a missão não vai por caminhos espetaculares, nem muito menos populares; a missão nos situa à margem porque Jesus se situou às margens, só assim se torna fecunda; porém não é fácil e, com frequência, resulta incômoda. A vida religiosa – situada às margens dos caminhos, ali onde o amor e a misericórdia se fazem especialmente urgentes, visto que é onde a vida e a esperança estão mais ameaçadas – é profética.

Conclusão

Cristo nos constituiu povo, irmãs e irmãos entre nós. Jesus nos disse: *“vós sois todos irmãos”*, Mt 23,8. Somos chamadas – no feminino – a expressar a alegria de caminhar juntas, como irmãs entre irmãs e irmãos: oferecer o amor de Deus ao mundo e o mundo a Deus. A vida religiosa é chamada a aproximar-se do outro, amá-lo, compreendê-lo e a aliviar seu sofrimento; a ser lugar da experiência de Deus, testemunha no mundo de hoje. A alegria vem do encontro e da comunhão; não é suficiente indicar o caminho, deve-se andar o caminho com o outro, guiada pelo Espírito, ser semente de esperança.

A vida religiosa feminina é chamada a manifestar sua ‘originalidade’ pelas suas palavras e gestos, sua ternura, simplicidade, delicadeza, cuidado, atenção, amabilidade, proximidade. No coração da mulher, a paixão de amor se expressa também nas lágrimas de dor pela injustiça, violência e sofrimento.

O amor de Deus não se esgota; recordemos o milagre da transformação dos pães e peixes. Nosso compromisso – nas palavras de uma Superiora Geral – está em *“colocar meus pães e peixes”*, o Senhor fará o resto. Não é isto que nos pede o Espírito? Somos chamadas a ser irmã e basta, é um mistério de quem vive fascinada por Cristo. Pela profissão nos colocamos nas mãos de irmãs mais velhas na fé; ser irmãs é a fecundidade do amor sem medida que cria vínculos, faz-nos cúmplices e converte a comunidade em desafio: partilhar dons, vida, oração, por amor ao mundo! A comunhão sororal é sinal escatológico da família de Deus reconciliada e reunida.

É tempo de criar e multiplicar formas generosas de sororidade também à

distância. O mundo se fez *próximo*: irmãs e irmãos enfermos, prisioneiros, abandonados, pobres, humilhados... do mundo inteiro fazem parte de nossa oração de intercessão. Oração e missão se unem em projetos de ação local e dimensão global. Em nossos dias foram criadas amplas redes para cuidar das pessoas, a imigração, a exploração de menores, a mendicância, a prostituição... temos meios, recursos e profissionais para aliviar a dor de muitas pessoas, para ser testemunho de Cristo que veio para libertá-las de sua escravidão e humilhação. A vida religiosa decidiu organizar-se de forma nova, flexível, inclusiva, criativa que favoreça outros apostolados. Cada vez mais as religiosas estão erguendo sua voz em instituições internacionais em defesa dos direitos e dignidade da pessoa; nestas plataformas também sua palavra é aceita e é sinal profético do Reino.

Em saída, porém, juntas e juntos, em comunidade, com outras irmãs e irmãos, com outros institutos, com leigos... somos vida religiosa em comunhão sororal e o mundo é nossa casa; com raízes profundas que nos dão identidade, mas sem pátria fixa, a caminho para a pátria definitiva. É urgente deixar-se encontrar, fazer-se visível, não ser protagonistas nem distinguir-se, nem ser heróis, nem mesmo somente mártires, porém Jesus nos disse: *“por seus frutos os reconheceréis”*, Mt 7,20. Fazer-se presente, situar-se na rua e na praça é por-se à disposição do outro e deixar-se envolver pelas misérias humanas; ser sensíveis e simples, chorar com e pelo mundo é converter nosso coração de pedra num coração de carne, humilde e humano. Só nossa humanidade nos aproxima à humanidade; Jesus de Nazaré se fez homem; a humanidade lhe custou a morte na cruz. Seguir a Jesus é seguir um homem; Ele não o achou fácil, mas é possível; do Espírito do Senhor nos vem a força.

O sonho da vida religiosa é um universo sororal. Sua missão situa-se ali onde Cristo segue crucificado nas irmãs e irmãos que sofrem. Hoje a vida religiosa apostólica feminina é portadora de boa notícia. Começa-se a ver os frutos do Espírito: a esperança e a alegria são percebidas no modo de estar no mundo e de criar comunhão.

A vida religiosa crê no Deus da Aliança com a família humana, faz parte da humanidade e ama seus irmãos. O Papa Francisco nos chama a ‘resgatar’ o melhor da humanidade: *“Deus criou a humanidade para ser uma família; quando um de nossos irmãos e irmãs sofre, todos somos afetados”*²⁴ A missão é de Deus que continua chamando-nos e que opera, discretamente, através de nós: *deixemos Deus ser Deus*.

- 1 Cfr. Elizabeth LOVATT-DOLAN, *Mulheres unidas na Igreja*, Boletim UISG, 54 (1980) p. 11.
- 2 Mercedes NAVARRO PUERTO, *Trindade e Mulher*, o problema da linguagem, no *Testemunho*, 5 (1993) p. 53.
- 3 Eleonora BARBIERI MASINI, *Religiosas, construtoras de um futuro alternativo*, caminhando em novas solidariedades, Boletim UISG, 108 (1998) p. 31.
- 4 Enrica ROSANNA, *O DOM DE SER MULHER*. Algumas sugestões para a reflexão em vista da educação e da formação da mulher, Boletim UISG, 119 (2002) p. 19.
- 5 Janet MOCK, *Surpreendidas pela alegria: as fontes das profundidades iluminam a vida religiosa*, Assembleia da LCWR, Houston, Texas 12 agosto 2015: https://lcwr.org/sites/default/files/calendar/attachments/janet_mock_csj_-_keynote_address_-_lcwr_assembly_-_spanish.pdf
- 6 Pat FARRELL, *Ser líder a partir da atração do Santo Mistério: Contemplação e Transformação*, na Assembleia da LCWR, Atlanta, Georgia 2016: https://lcwr.org/sites/default/files/calendar/attachments/a_t_t_a_c_h_m_e_n_t_s/_lcwr_2016_assembly_keynote_-_pat_farrell_osf_-_spanish.pdf
- 7 Marcela LAGARDE, *Conferência: Sororidade*. Fuenlabrada (Madrid) 2013: https://www.youtube.com/watch?v=8CKCCy6R2_g
- 8 Felicísimo MARTÍNEZ Díez, *A frontera atual da vida religiosa. Bases e desafios da refundação*, San Pablo, Madrid 2000, p. 75.
- 9 Michelina TENACE, *Com o coração de Cristo nas estradas do mundo, Viver em Cristo segundo a forma de Vida do Evangelho (PC 2)*. Formado à vida consagrada no coração da Igreja e do mundo, (= Sequela Christi 2015/02), CIVCSVA, Roma 2015, p. 46.
- 10 Eduardo F. PIRONIO, *A missão profética na Igreja e sua expressão na vida religiosa*, Boletim UISG, 73 (1987), p. 9.
- 11 CIVCSVA, *Anunciad 29*.
- 12 Felicísimo MARTÍNEZ Díez, *Aonde vai a Vida Religiosa?*, (= Sígueme, 20), San Pablo, Madrid 2008,, p. 98.
- 13 FRANCISCO, *Discurso Jubileu da Vida Consagrada*, Roma 1 fevereiro de 2016: http://w2.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2016/february/documents/papa-francesco_20160201_giubileo-vita-consacrata.html
- 14 FRANCISCO, *Homilia na Festa da Apresentação do Senhor XXII Jornada Mundial da Vida Consagrada*, Basílica Vaticana, 2 febrero 2018: https://w2.vatican.va/content/francesco/es/homilies/2018/documents/papa-francesco_20180202_omelia-vita-consacrata.pdf
- 15 José Cristo Rey GARCÍA PAREDES, *Profecia da Vida Religiosa hoje*, Uma forma de vida luminosa, em CONFER, 2010: http://www.dominicasanunciata.org/wp-content/uploads/2016/06/wdomi_pdf_4776-EiazIXZNP1nO0fv3.pdf
- 16 Salvador MARTÍNEZ, *A experiencia do Carisma e da renovação do Espírito Santo*, em *Ecclesia*, n.º 1-4, vol. 27 (2013) p. 84.
- 17 Elías LÓPEZ, *“Religiosos-reconciliadores” dispostos a ser “dano colateral”*. Cordeiro de Deus que carregas a violência do mundo, em CONFER, n.º 199, vol. 52 (2013) p. 401.
- 18 CIVCSVA, *Anunciad 28*.
- 19 CIVCSVA, *Para vino novo, odres novos* 16.
- 20 Aquilino BOCOS MERINO, *Uma fecunda e ordenada comunhão eclesial*, *Vida Religiosa*, 90 (2001) p. 298.
- 21 Henri J. M. NOUWEN, *Solidariedade e Comunidade*, Boletim UISG, 48 (1978) p. 53.
- 22 Johann Baptist METZ, *Por uma mística de olhos abertos*. Quando irrompe a espiritualidade, Herder, Barcelona 2013, pp. 102-103.
- 23 Jean-Claude LAVIGNE, *Para que tenhamos vida em abundância*, Qiqajon-Comunità di Bose, Magnano 2011, p. 364.
- 24 FRANCISCO, *Discurso no Campo de Refugiados de Moria, Lesbos* 16 abril 2016: http://w2.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2016/april/documents/papa-francesco_20160416_lesvos-rifugiati.html

Da mesa da Secretária Executiva

As apresentações da Assembleia Plenária estão sendo publicadas nas edições atuais do Boletim da UISG. A Assembleia foi um grande sucesso, graças à participação e apoio de tantas Superiores Gerais / Líderes Congregacionais. Este relatório resume as atividades da UISG do segundo semestre de 2019. Obviamente, este foi um momento de iniciação para a nova Presidente e Conselho Executivo da UISG. Leva tempo para conhecer a missão e o alcance da UISG. O número de membros do Conselho foi aumentado para dez membros com duas suplentes, embora todos os 12 membros participem de reuniões do Conselho e de outros eventos. Já podemos sentir a diferença de ter mais membros no Conselho. Em 2020, o Conselho pretende facilitar a participação das delegadas da UISG em todo o mundo em nossas reuniões através do uso de nosso excelente sistema tecnológico, o que nos permite agendar reuniões com a tradução disponibilizada. Este maravilhoso recurso também tem sido utilizado por várias congregações.

Ficamos encantadas com os esforços incansáveis de Irmã Gabriella Bottani para acabar com o tráfico de seres humanos. Estes foram reconhecidos pelo governo dos EUA que a honraram como Heroína do Tráfico de Pessoas (TIP) em uma celebração realizada em Washington, em junho de 2019. No final de julho, a Irmã Gabriella e eu viajamos para as Nações Unidas, em Nova York, onde o Vaticano inaugurou a exposição fotográfica de Lisa Kristine, “Nuns Healing Hearts” (Irmãs Curando Corações). Esse foi um empreendimento colaborativo da Pontifícia Academia de Ciências do Vaticano. O evento foi um grande sucesso, usando fotos para destacar o trabalho das Irmãs Católicas contra muitas formas diferentes de tráfico de pessoas em todo o mundo. Acima de tudo, destacou que outro mundo é possível, um mundo mais humano e mais igual quando trabalhamos juntas. Este foi um ano muito importante para a Talitha Kum. As celebrações do 10º aniversário foram realizadas no final de setembro em Roma, durante a 1ª Assembleia Internacional. Havia 86 delegadas presentes, oriundas de 48 países. A declaração final aponta as prioridades claras para 2020-2025 e indica a comunicação, a formação e o trabalho em rede na Ásia e na África como áreas a serem focadas. Consulte o site da Talitha Kum para ler sobre esses e outros eventos e receber mais informações: www.talithakum.info. A UISG convida as Irmãs que trabalham contra o tráfico de pessoas a fazerem parte de suas redes locais, a fim de fortalecer nossa colaboração e, portanto, nossa eficácia. O mapa no site indica onde as redes estão localizadas e incentivamos as Irmãs a se unirem entre as congregações para fortalecer nossas ações nesse importante ministério.

Em maio, participei da Assembleia anual da COREW (Conferência das Religiosas da Inglaterra e do País de Gales). Os temas de “Encontro” e “Comunhão” foram explorados juntas pelo segundo ano, a fim de desenvolver um plano de ação. Em agosto, participei da Assembleia da LCWR, realizada em Scottsdale, Arizona, e fiz uma apresentação sobre o tema – Imaginar a Liderança numa Comunidade Global. O foco nos desafios globais em várias Assembleias nos chama a discernir a melhor forma de reagir à medida que vivemos “glocalmente” na interseção do local e do global, não importa o nosso contexto. Durante o mês de setembro, na convenção Conrad N. Hilton, em Los Angeles, tive a oportunidade de apresentar uma versão adaptada da apresentação da LCWR e de falar com a equipe da Fundação sobre o trabalho das Irmãs contra o tráfico de pessoas. Este último proporcionou uma oportunidade de agradecer àqueles e àquelas que trabalham nos bastidores para apoiar o trabalho das Irmãs Católicas.

No decorrer do último trimestre de 2019, aconteceram muitas reuniões. O foco de muitas dessas reuniões tem sido a proteção de crianças e adultos vulneráveis. Houve vários encontros com a Comissão para a Proteção de Menores e várias reuniões inter-Dicastério nas quais a UISG e a USG estavam presentes. Ambas as Associações decidiram nas Assembleias recentes de concentrar-se na proteção de menores e adultos vulneráveis e criar uma nova Comissão conjunta para o atendimento de pessoas, que obviamente se concentrará nas questões de prevenção e salvaguarda. Para avançar, foi criado um grupo de trabalho para discutir os termos de referência e a finalidade dessa comissão. A UISG decidiu, com a ajuda da Fundação GHR, de criar um escritório que se concentrará neste trabalho com congregações religiosas femininas. O escritório terá como foco a área geral de atendimento a pessoas - com especial referência à salvaguarda e proteção. Também trabalhará especificamente na questão dos orfanatos. As estatísticas do Vaticano de 2017 identificam 9.813 orfanatos e 31.182 “outras instituições”, além de todas as escolas, hospitais, dispensários, clínicas, creches, centros de educação especial, casas de repouso e centros para pessoas com necessidades especiais administradas pela Igreja Católica. O desafio particular em relação aos orfanatos é que a pesquisa determina que 80% das crianças em orfanatos têm pais, pai ou mãe, ou uma família ampliada que poderia cuidar delas com o apoio de outros lugares. Existe um movimento mundial que apresenta novos modelos de assistência e apoio e, como Irmãs, devemos estar na vanguarda de tais iniciativas.

Eventos significativos ocorreram em Roma durante os meses de outubro e novembro, envolvendo a equipe da UISG. Fomos convidadas a nomear 10 Irmãs para participar do Sínodo na Amazônia. Em colaboração com a CLAR, identificamos Irmãs de diferentes partes da Amazônia que trouxeram muitas qualificações e experiências pastorais diferentes para enriquecer o próprio Sínodo. Esse foi um destaque particular, uma vez que nos sínodos anteriores sobre Família e Juventude, a UISG teve apenas três representantes. Todas as Irmãs presentes no Sínodo foram convidadas a vir até a sede da UISG antes da abertura do Sínodo e muitas foram entrevistadas durante o próprio Sínodo. Fomos abençoadas na UISG por compartilhar muitos momentos com as Irmãs e outras participantes e por meio da iniciativa “Amazônia - Casa Comum”, que organizou muitos eventos e exposições diferentes em Roma. Também tentamos conectar os membros da UISG em todo o mundo com o Sínodo durante esse período. A canonização do cardeal John Henry Newman foi obviamente um evento significativo, pois foi um momento de comemoração para as Igrejas católica e anglicana, mas outras quatro pessoas foram canonizadas no mesmo dia, 13 de outubro - três delas religiosas: Ir. Marian Thresia (Congregação das Irmãs da Sagrada Família – Índia); Ir. Dulce Lopes Pontes (Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição - Brasil); Ir. Giuseppina Vannini (Filhas de São Camillus - Itália) e Marguerite Bays (Virgem Consagrada - Suíça). A diversidade de suas experiências e seu serviço santo em muitos contextos diferentes nos lembram as palavras de Newman: “Deus me criou para prestar-lhe algum serviço específico. Ele me confiou algum trabalho que não confiou a outros. Eu tenho minha missão. Talvez eu nunca saiba exatamente qual é essa missão nesta vida, mas espero ser informado na próxima. Sou um elo de uma corrente, um vínculo de conexão entre pessoas” Que cada um de nós experimente esse mesmo senso de vocação e comunhão em nosso serviço aos outros.

Finalmente em 2019, infelizmente nos despedimos de duas funcionárias da UISG. Primeiramente a Irmã Cecilia Bayona, OSA, que concluiu seu tempo na UISG após muitos anos de serviço prestado e dedicação. Nos últimos anos, ela era o cartão de visita da UISG,

para todos os que visitavam a Ponte Santo Ângelo - recebendo visitantes e respondendo às suas muitas necessidades. Ela era responsável pelos arquivos e era meticulosa na organização do sistema de arquivamento. Ela também era membro da equipe que envia o Boletim aos membros da UISG - não é uma tarefa simples. Somos profundamente gratas à Irmã Cecília pelas muitas maneiras pelas quais ela serviu aos membros da UISG com tanta lealdade, dedicação e comprometimento.

Irmã Elisabetta Flick, SA, também concluiu seus anos de serviço na UISG. Ela foi a pioneira intrépida do Projeto de Migrantes da UISG na Sicília, que foi recentemente estendido a Lampedusa. Estabelecer uma iniciativa intercongregacional é desafiador, mas Irmã Elisabetta estava convencida da importância do testemunho desse novo tipo de colaboração para a vida religiosa. Ela também foi uma pessoa maravilhosa para muitos indivíduos e congregações. Seu compromisso e dedicação incansáveis e seu amor pela vida religiosa foram um testemunho para todas nós. Agradecemos a ela por sua generosidade, bondade e sabedoria durante seus anos de serviço à vida religiosa na UISG. Sentiremos falta das duas!

Outras Notícias...

Canal Youtube da UISG

A UISG, há quase três anos, oferece seminários e encontros on-line, que nos permitiu de criar uma rica videoteca de materiais para a formação das Irmãs.

Abaixo, apresentamos os endereços de algumas das listas de vídeos disponíveis:

<http://bit.ly/VideosSinodoAmazonia>

<http://bit.ly/SowingHopeForThePlanet>

<http://bit.ly/UISGFormation>

Boletim Informativo através do Whatsapp +39 349 935 87 44

Numa ocasião da Assembleia Plenária da UISG de 2019, foi inaugurado um Boletim informativo através da WhatsApp em 4/5 idiomas, para uma comunicação mais direta e imediata com as Irmãs. Estamos preparando um boletim informativo via WhatsApp para as Superiores Gerais. As informações que enviamos são relativas a eventos de formação que a UISG promove online, mas serão postadas também outras informações específicas. Se você desejar receber o boletim informativo, via whatsapp, pedimos que compile, com atenção, o programa online neste endereço: <http://bit.ly/WhatsappUISG>

Reunião com as Novas Superiores Gerais e Conselhos Gerais

No último ano, foram realizados vários Capítulos Gerais das Congregações membros da UISG, por esse motivo no dia 11 de dezembro de 2019, organizamos uma reunião online e presencial com os novos Governos Gerais para apresentar a UISG, seus projetos e serviços. Foi um momento de troca, mas acima de tudo um espaço para fortalecer nosso senso de pertença à Vida Religiosa feminina.

Se você não conseguiu participar, pode solicitar o link dos vídeos gravados para: comunicazione@uisg.org

O “Burn Out” (esgotamento) existe na vida religiosa? Estamos preparadas para responder com resiliência?

Pela primeira vez, realizamos um workshop de um dia sobre o tema “Burn Out” (exaustão emocional ligada ao trabalho) e Resiliência, com a preciosa contribuição de Ir. Maryanne Loughry, religiosa da Misericórdia e psicóloga.

O Dicionário de Psicologia define Burn Out como “uma condição, ligada ao trabalho, de exaustão emocional que diminui o interesse no trabalho, o sucesso e a eficácia pessoais e a pessoa não é mais capaz de tomar decisões”.

Mulheres - Igreja - Mundo

A revista *Women Church World* (disponível em italiano, inglês, francês e espanhol) tem desde sua origem uma boa colaboração com a UISG, porque está muito interessada na Voz das Irmãs no mundo. Várias vezes a presidente e outras Irmãs contribuíram para a revista. Para mais informações: www.osservatoreromano.va/it/section/donne-chiesa-mondo

Nomeação de religiosas para os departamentos do Vaticano

Ir. Patricia Murray, IBVM, secretária executiva da UISG, foi nomeada consultora do *Conselho Pontifício para a Cultura*, juntamente com outras duas Irmãs: Ir. Mariella Mascitelli e Ir. Dominica Dipio.

No ano de 2019, o Papa Francisco nomeou outras Irmãs para os Dicastérios do Vaticano.

A *Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica (CIVCSVA)* nomeou seis Superiores Gerais como membros da Congregação. São:

- Ir. Kathleen Appler, F.d.C., Superiora Geral das Filhas da Caridade de São Vicente de Paula;
- Ir. Yvonne Reungoat, F.M.A., Superiora Geral das Filhas de Maria Auxiliadora (Salesianas de Dom Bosco);
- Ir. Françoise Massy, F.M.M., Superiora Geral das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria;
- Ir. Luigia Coccia, S.M.C., Superiora Geral das Irmãs Missionárias, Pie Madri della Nigrizia (Combonianas);
- Ir. Simona Brambilla, M.C, Superiora Geral das Irmãs Missionárias da Consolação;
- Ir. M. Rita Calvo Sanz, O.D.N., Superiora Geral da Ordem da Companhia de Nossa Senhora Maria.

A **Secretaria do Sínodo** nomeou três Irmãs consultoras para um mandato de três anos. São:

- Ir. Nathalie Becquart (Xavier, França),
- Ir. Maria Luisa Berzosa (Filha de Jesus, Espanha),
- Ir. Alessandra Smerilli (Salesiana, Itália).

PESSOAL DA UISG

<u>Nome</u>	<u>Cargo</u>	<u>E-mail</u>	<u>Telefone</u>
Ir. Patricia Murray, ibvm	Secretária Executiva	<i>segretaria.esecutiva@uisg.org</i>	06 684002 36
Rosalia Armillotta	Assistente da Secretária Executiva	<i>ufficio.segreteria@uisg.org</i>	06 684002 38
Aileen Montojo	Administradora de Finanças	<i>economato@uisg.org</i>	06 684002 12
Patrizia Balzerani	Assistente Administradora de Finanças	<i>assistente.economato@uisg.org</i>	06 684002 49
Ir. Florence de la Villeon, rscj	Coordinadora Internacional Projecto Migrantes	<i>rete.migranti@uisg.org</i>	06 68400.231
Patrizia Morgante	Responsável de Comunicação	<i>comunicazione@uisg.org</i>	06 684002 34
Sr. Thérèse Raad, sdc	Escritório de Comunicação (Voluntária)	<i>comunicazione@uisg.org</i>	0668.400.233
Antonietta Rauti	Coordinadora de Boletim UISG	<i>bollettino@uisg.org</i>	06 684002 30
Svetlana Antonova	Assistente Técnica Serviços Gerais	<i>assis.tec@uisg.org</i>	0668.400.250
Ir. Gabriella Bottani, smc	Coordinadora “Talitha Kum”	<i>coordinator@talithakum.info</i>	06 684002 35
Sr. M. Cynthia Reyes, sra	Coordinadora Programa Formação UISG	<i>formators.programme@uisg.org</i>	0668.400.227
Claudia Giampietro	Assistente Programa Formação UISG	<i>formation@uisg.org</i>	0668.400.225
Angelo Spadavecchia	Grants Manager	<i>gm@uisg.org</i>	
Conselho de Canonistas		<i>canoniste@uisg.org</i>	
Solidarity South Sudan		<i>solidarityssudan@gmail.com</i>	06 684002 23